

Criando curvas de nível e relevo no OSM usando dados da SRTM

Neste artigo vou mostrar como dar um aspecto mais elegante aos seus [mapas importados do OpenStreetMap](#), aplicando um efeito de relevo com curvas de nível, muito úteis quando a topografia for uma informação relevante em seus mapas. Usarei os arquivos DEM (Digital Elevation Model) fornecidos pela Shuttle Radar Topography Mission ([SRTM](#)) da NASA. Estes arquivos são distribuídos no formato HGT.

A versão que usarei (SRTMGL1) é a versão 3 (void filled) de 1 arco-segundo (30 metros) e cobertura global. Esta versão requer um [cadastro no site do EarthData](#) para ter acesso aos arquivos. Cada arquivo possui resolução de 3601 x 3601 pixels.

O primeiro passo é instalar o programa [phyghtmap](#), que fará todo o trabalho de download e conversão dos arquivos.

```
apt-get install python-matplotlib
```

```
wget  
http://katze.tfiu.de/projects/phyghtmap/phyghtmap_1.80-1_all.d  
eb
```

```
dpkg -i phyghtmap_1.80-1_all.deb
```

Agora, defina uma área para criar os relevos. Você precisará de um par de coordenadas delimitando uma caixa (bounding box) da área desejada. Eu costumo ir no site do [OpenStreetMap](#), colocar o mapa na área desejada e selecionar “exportar”. As coordenadas da caixa aparecerão no lado esquerdo da tela. Use-as na sequência esquerda-baixo-direita-cima.

Atenção! Não defina uma área muito grande ou você poderá esperar dias até todos os arquivos HGT serem baixados da NASA. Vá compondo seu mapa aos poucos. Para ter uma ideia de quantos arquivos sua área vai precisar, use esta ferramenta: <http://dwtkns.com/srtm30m/>.

Para baixar e converter os arquivos HGT para um formato que possa ser

importado para seu OpenStreetMap local, use este comando:

```
phyghtmap --pbf --no-zero-contour --line-cat=500,100 --step=10  
--jobs=8 --srtm=1 --a -44.978:-23.383:-40.902:-20.705 --  
earthdata-user=USUARIO --earthdata-password=SENHA
```

Onde:

--pbf significa que queremos arquivos PBF (formato do OSM).

--no-zero-contour significa que não queremos curvas de nível para altitude zero.

--line-cat=500,100 significa que queremos as curvas "major" a cada 500 metros e as curvas "medium" a cada 100 metros. Explico mais tarde a utilidade disso.

--step=10 significa que queremos um espaço de 10 metros entre as curvas.

--jobs=8 vai utilizar 8 threads.

--srtm=1 é para usar a resolução de 1 arcseg.

--a é a área desejada, separada por dois pontos (":").

--earthdata-user=USUARIO é o usuário criado no site da NASA.

--earthdata-password=SENHA é a senha do usuário criado no site da NASA.

Cada “ladrilho” baixado da NASA (arquivo HGT) vai ser convertido em um arquivo do formato OSM (PBF), então precisaremos consolidar todos eles em um só, ou passaremos nossa vida toda fazendo a migração para o banco. Para fundir arquivos PBF, precisaremos do programa “osmium”.

Debian Jessie, adicionar ao /etc/apt/sources.list:

```
deb http://ftp.debian.org/debian jessie-backports main
```

```
apt-get install osmium-tool
```

```
osmium merge --verbose *.osm.pbf -o consolidado.osm.pbf --
```

overwrite

Isso vai criar um arquivo PBF chamado consolidado.osm.pbf, pronto para ser importado para seu OpenStreetMap local. Obviamente, caso você execute esta linha de comando novamente, certifique-se de ter apagado o arquivo consolidado anterior, ou ele será incluído no novo consolidado, pois ordenamos uma fusão de todos os arquivos PBF encontrados no diretório ("*.osm.pbf").

Eu gosto de deixar as curvas de nível em um banco de dados separado dos dados do OSM, embora eles sejam completamente compatíveis. Esta decisão fica para você.

Crie um banco de dados "contour" e adicione a extensão "PostGIS" a ele e importe os dados gerados para ele.

```
osm2pgsql --latlong --verbose --create --style ./srtm.style -  
-database contour --username postgres -W --host 127.0.0.1  
consolidado.osm.pbf
```

Para criar tabelas mais enxutas, eu preparei um arquivo de estilo do osm2pgsql somente com os dados das curvas de nível. Eis meu arquivo "srtm.style":

#	OsmType	Tag	DataType	Flags
node,way	contour	text	linear	
node,way	contour_ext	text	linear	
node,way	ele	int4	linear	

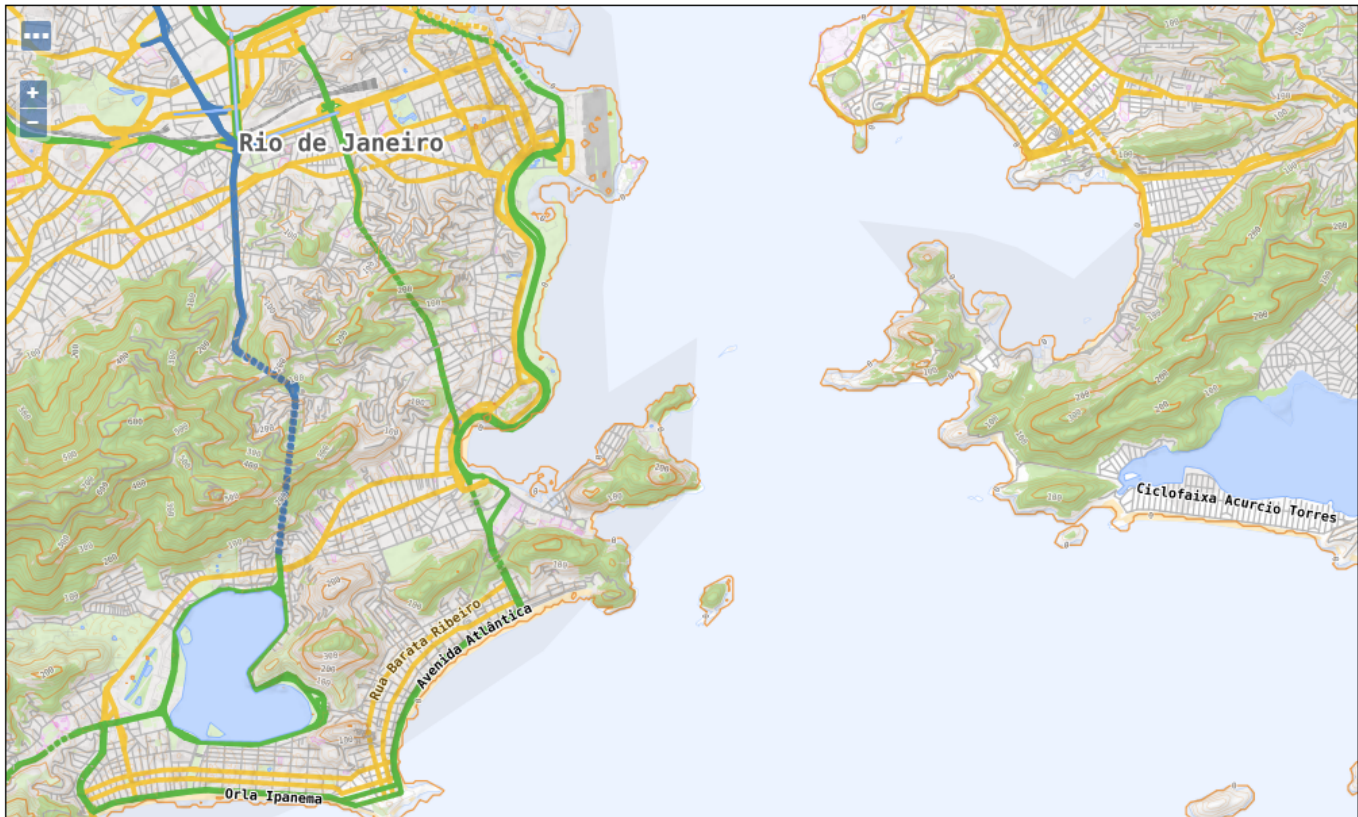
Com isso você terá dados somente na tabela "planet_osm_line", contendo as colunas "contour", "contour_ext" e "ele", além da coluna de índice "osm_id".

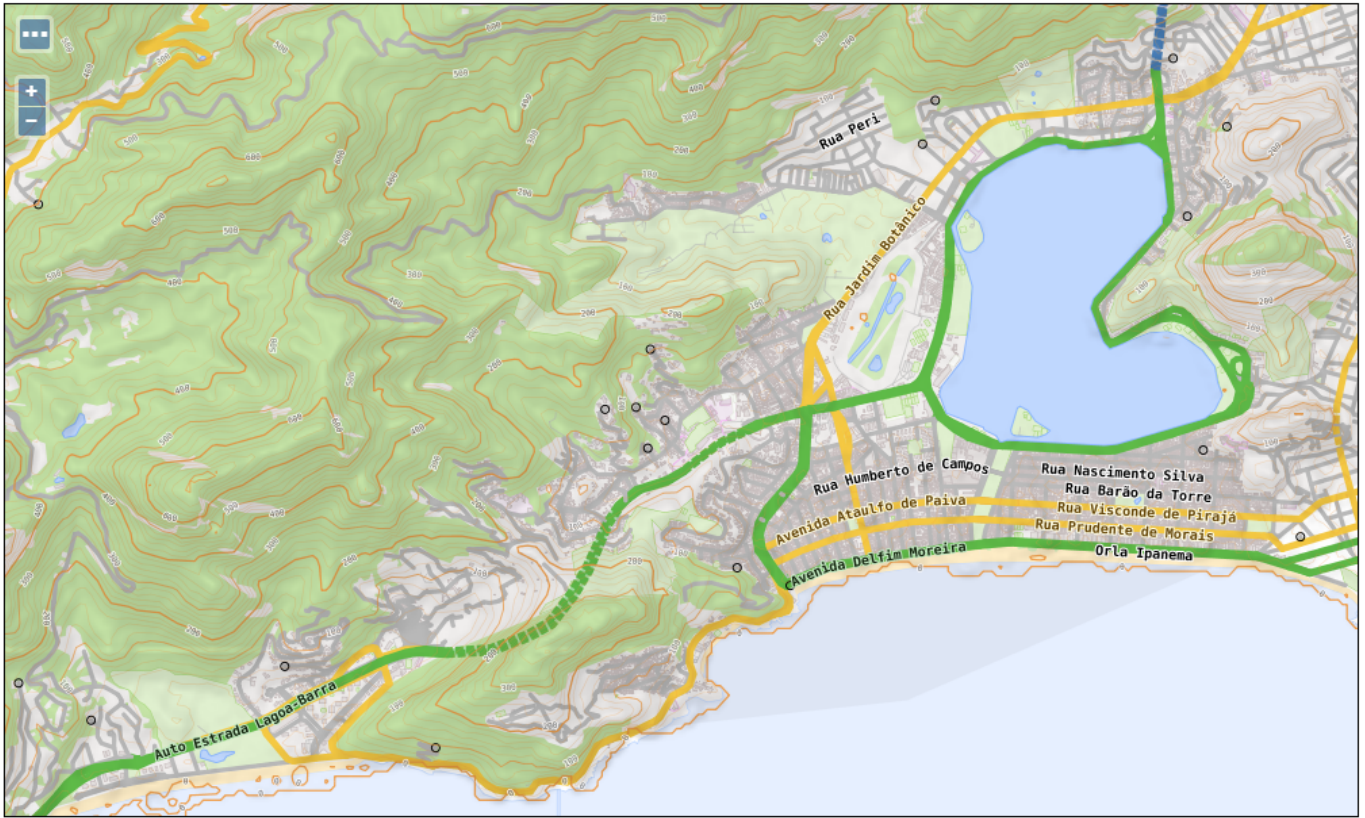
Agora você já poderá criar sua camada no Geoserver, apontando um Coverage para o banco "contour" e usando a tabela "planet_osm_line". Se não quiser usar este nome, crie uma visão:

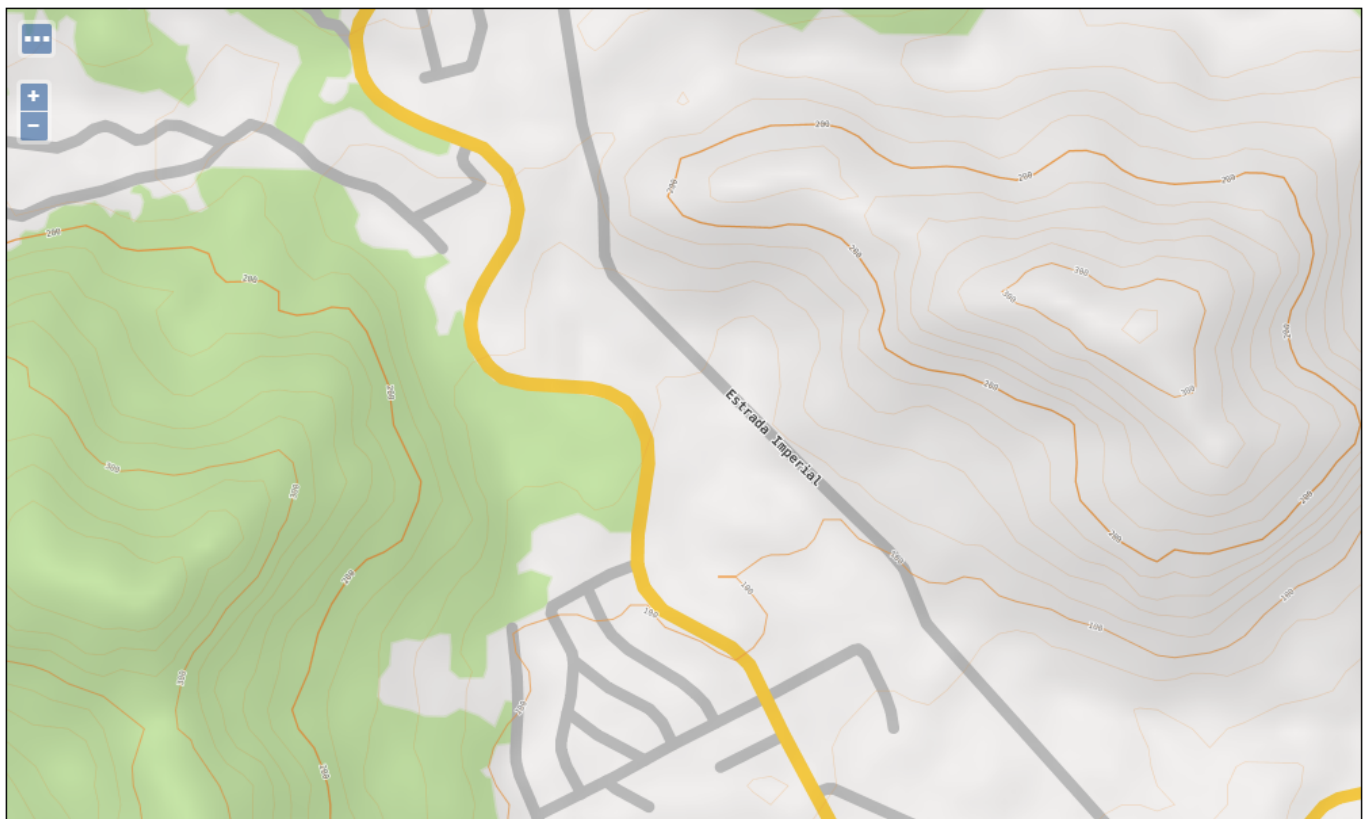
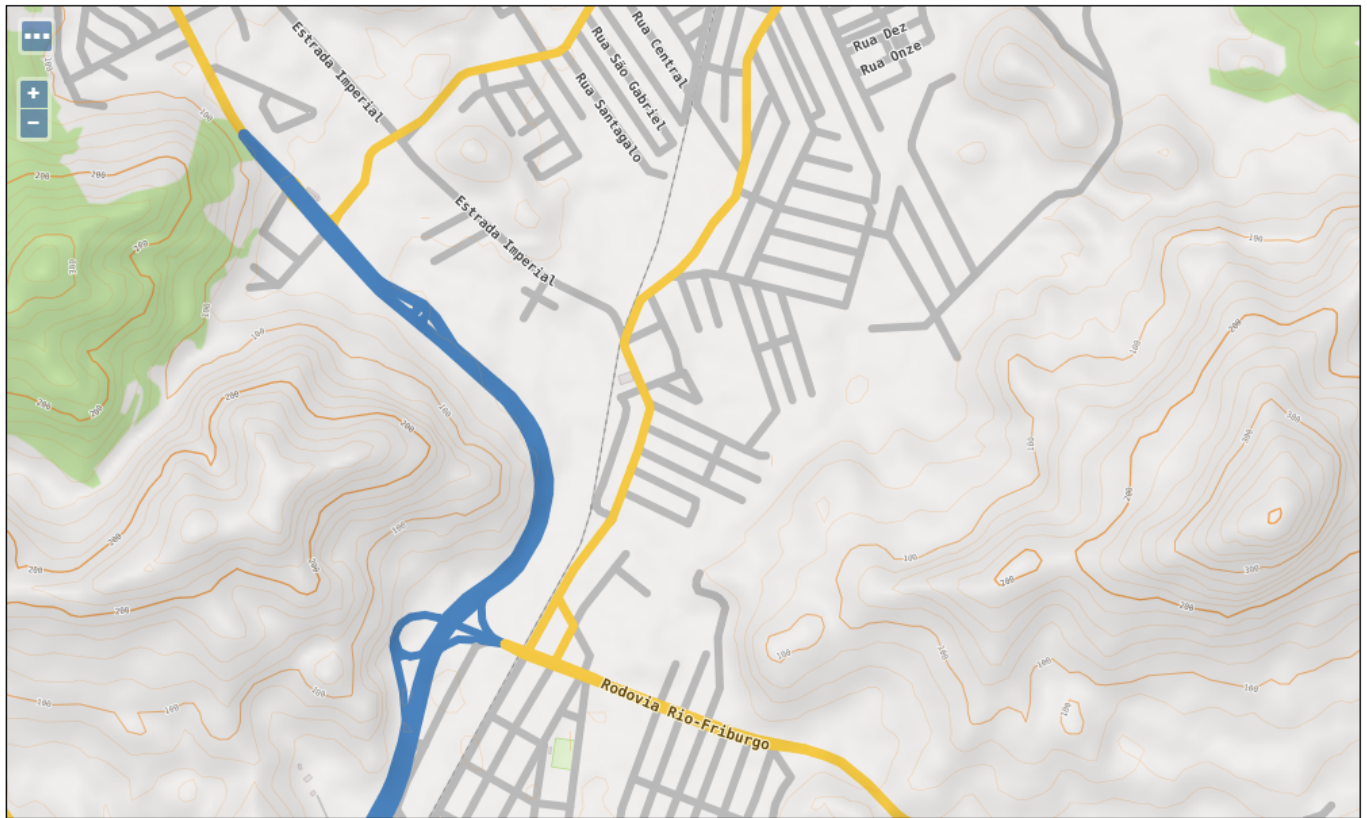
```
drop view if exists "contours_line";  
create view "contours_line" AS (  
    SELECT osm_id, way,ele as elevation, contour_ext as cont_ext  
    FROM planet_osm_line  
);
```

Perceba que mudei o nome de algumas colunas. Você poderá criar um bom estilo para sua camada. O resultado final em meu servidor você pode ver nas imagens a

seguir:







As linhas mais grossas são os contornos “major” e “medium” e as mais finas são os “step”. No próximo artigo vou mostrar como criar o efeito de relevo, chamado de “hillshading”, usando os mesmos arquivos HGT baixados pelo [phyghtmap](https://github.com/tytooon/phyghtmap).

NASA Jet Propulsion Laboratory (JPL), 2013, NASA Shuttle Radar Topography Mission United States 1 arc second. Version 3. 6oS, 69oW. NASA EOSDIS Land Processes DAAC, USGS Earth Resources Observation and Science (EROS) Center, Sioux Falls, South Dakota (<https://lpdaac.usgs.gov>)

O OpenStreetMap como repositório de dados abertos - Miguel Penteado

Este é um excelente vídeo que explica em detalhes o OpenStreetMap do ponto de vista dos dados.

Appliance do OSM - Rio de Janeiro

Disponibilizei para download uma máquina no VirtualBox com uma instalação do banco de dados do OpenStreetMap no Geoserver contendo a região metropolitana do Rio de Janeiro. É um excelente ambiente para testes. O Arquivo está no formato OVF 2.0.

Qualquer problema instalando a VM, por favor entre em contato.

Características:

Área coberta: Região metropolitana do Rio de Janeiro.

Geoserver pode ser acessado no endereço: `http://<IP>:8080/geoserver/`

Acesso ao Geoserver: Usuário: *admin* Senha: *geoserver*

Hardware:

MAC: 08:00:27:B7:23:D6

IP: Dinâmico (necessita DHCP na rede) via Bridge.

RAM : 10GB (usar menos memória irá comprometer o desempenho)

CPU : 2

HD: 80GB

PAE/NX.

Sistema:

Ubuntu 16.04.2 LTS.

Tomcat 8 na porta 8080.

Java JDK 1.8.0.121.

PostgreSQL 9.5. (Não é possível conexão externa ao banco. Edite o *pg_hba.conf*)

PostGIS 2.2.1 r14555

Geoserver: 2.10.2

Acesso ao sistema: Usuário: *geo* Senha: *geo*

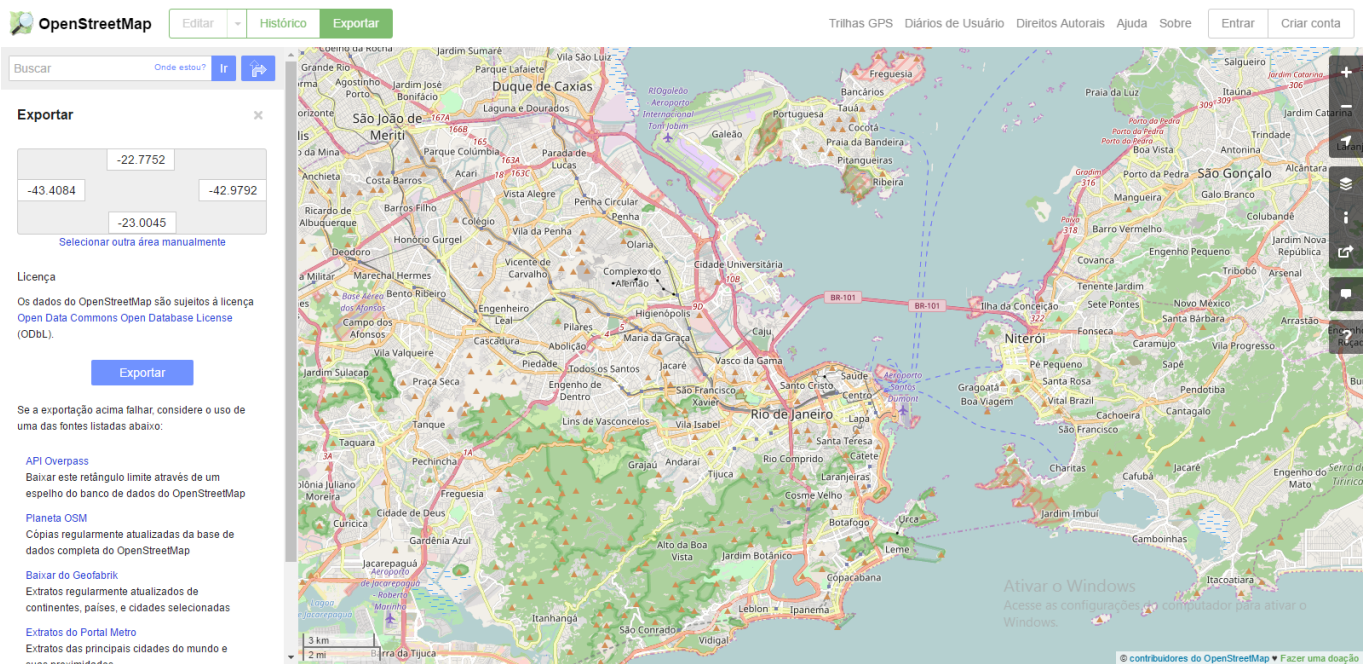
A senha para descompactar o arquivo RAR é

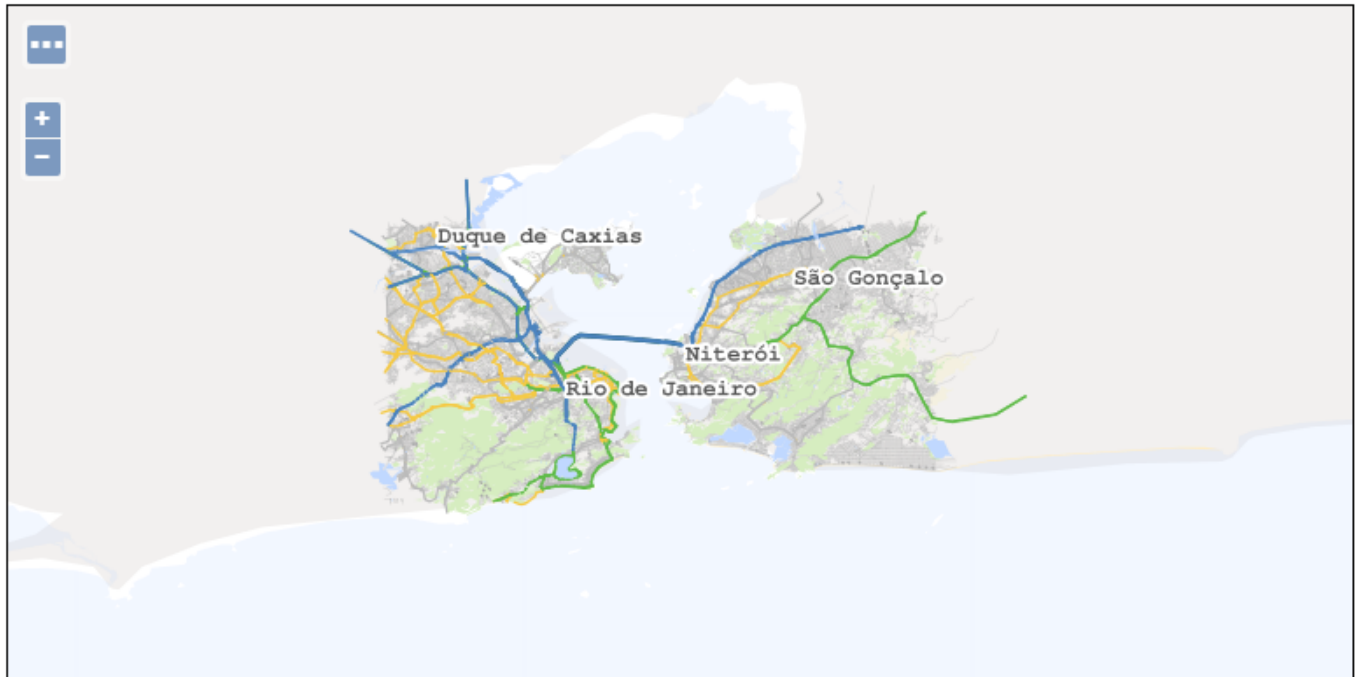
cmabreu.com.br#GEO!@\$123

Link para download

[\[DOWNLOAD\]](#)

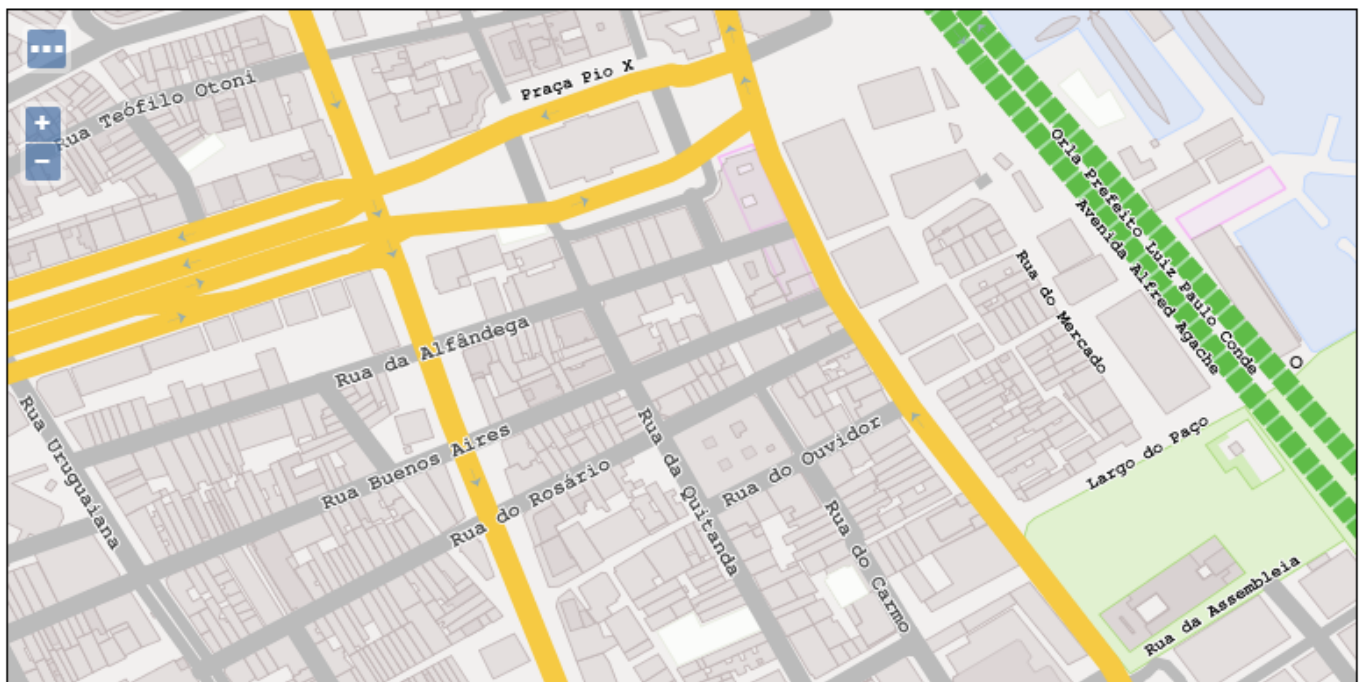
Esta VM foi completamente criada por mim, desde a instalação do SO até a importação dos dados do OSM, incluindo a criação das camadas no Geoserver. Você poderá usá-la apenas em ambientes acadêmicos ou para proveito próprio em sua casa. Se desejar uma instalação completa em um servidor dedicado, entre em contato. Realizo a instalação completa, ofereço suporte ou consultoria.





Scale = 1 : 545K

-43.07190, -22.89688



Scale = 1 : 4261

-43.17624, -22.90299

Trabalhando com rotas nos dados do OpenStreetMap: Parte 4

Neste post vou mostrar como melhorar o desempenho das consultas de rotas. Consulte a [parte 3](#) da série, caso queira.

Nossa função estava demorando muito (cerca de 36 segundos) para mostrar algum resultado. A origem e o destino não estão muito separados geograficamente e até confesso que não existem muitas opções de ruas para ir da Av. Pres. Vargas para a Rua do Catete. Com pontos mais distantes e mais ruas entre eles, a consulta pode se tornar um pesadelo. Se você reparar na consulta inicial, verá que o SQL de seleção de ruas passado para a função de rota *pgr_ksp* não tem nenhum critério. Isso passa tudo que existe na tabela para a seleção. Claro que a própria função possui algum algoritmo que melhora o desempenho, mas nunca é o bastante.

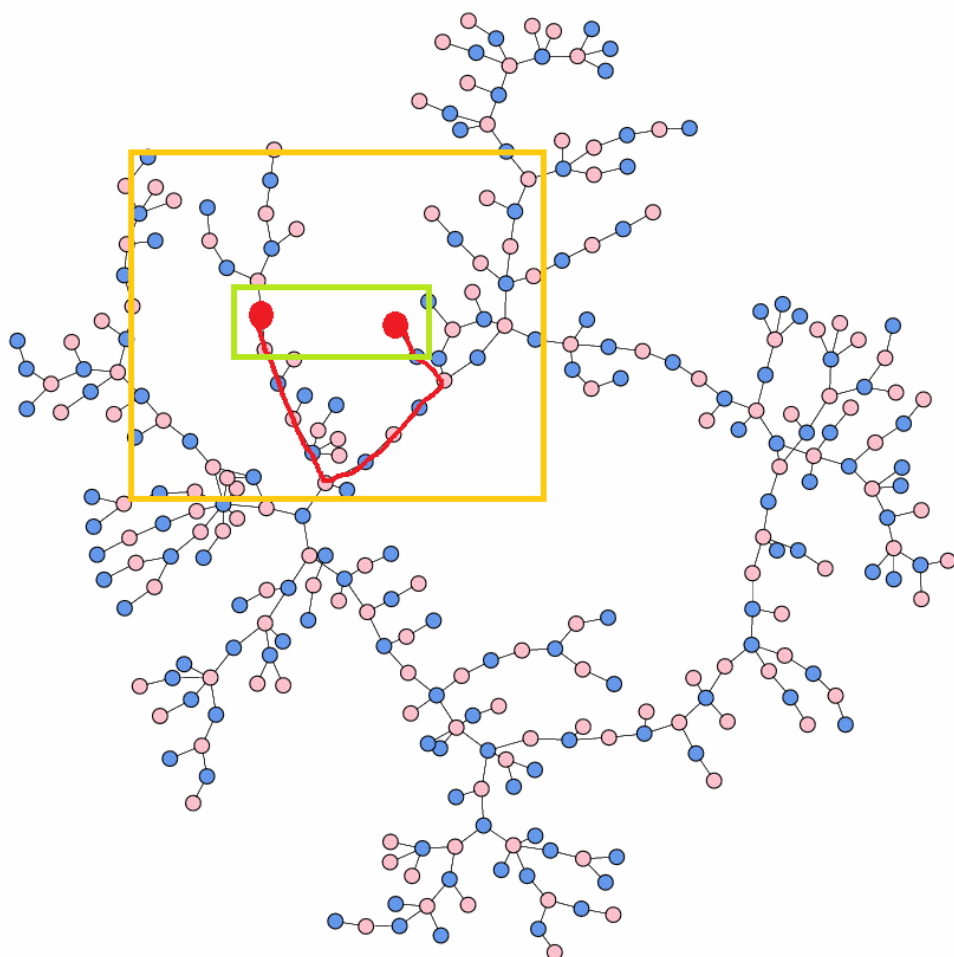
Como vimos antes, o tempo de execução da função de rotas é de cerca de 36 segundos:

```
CREATE OR REPLACE FUNCTION public.calc_rotas(  
    IN source integer,  
    IN target integer,  
    IN k integer,  
    IN directed boolean)  
RETURNS TABLE(  
    seq integer,  
    path_id integer,  
    path_seq integer,  
    node bigint,  
    edge bigint,  
    cost double precision,  
    agg_cost double precision  
) AS  
$BODY$  
SELECT
```

*

```
FROM
  pgr_ksp(
    'SELECT id, source, target, cost, reverse_cost FROM
osm_2po_4pgr',$1, $2, $3, directed:=$4
  )
$BODY$
LANGUAGE sql VOLATILE COST 100;
```

A primeira estratégia é fornecer somente as ruas que estão próximas aos pontos de origem e destino. Existem funções no PostGIS que criam uma área em torno de dois pontos (em verde na figura abaixo). O problema é que podemos perder algumas ruas que estão fora desta caixa, então precisamos criar uma “margem de segurança” para tentar pegar estas ruas. Se esta margem for grande demais, irá prejudicar o desempenho, mas se for pequena demais, poderá causar perda de ruas e por consequência sua rota não irá refletir a realidade. Nos exemplos abaixo, deixarei uma margem de 4 Km, marcado em laranja na figura (parâmetro das funções [ST_Expand](#) e [ST_Buffer](#)). Se você perceber que sua rota dá “saltos” em ruas que não estariam no caminho, tente mexer um pouco neste valor.



A versão 2 da nossa função de rotas simplesmente seleciona um container que comporte os pontos de origem e destino ([ST_Extent](#)) e extrapola ele em 4Km para todas as direções ([ST_Expand](#)). Com isso selecionamos somente segmentos que possam estar relacionados com nossa rota e o tempo de execução cai para 19 segundos. Muito bom.

```
CREATE OR REPLACE FUNCTION public.calc_rotas_v2(
    IN source integer,
    IN target integer,
    IN k integer,
    IN directed boolean)
    RETURNS TABLE(seq integer, path_id integer, path_seq integer
, node bigint, edge bigint, cost double precision, agg_cost do
uble precision) AS
$BODY$
SELECT
    *
```

```

FROM
    pgr_ksp(
        'SELECT id, source, target, cost, reverse_cost FROM osm_2
po_4pgr as r,
            (SELECT ST_Expand(ST_Extent(geom_way),4) as box F
ROM osm_2po_4pgr as l1
            WHERE l1.source = ' || $1 || ' OR l1.target = ' ||
$2 || ') as box
            WHERE r.geom_way && box.box', $1, $2, $3, directed:
=$4
    )
$BODY$
LANGUAGE sql VOLATILE
COST 100
ROWS 1000;
ALTER FUNCTION public.calc_rotas(integer, integer, integer, bo
olean)
OWNER TO postgres;

```

Mas pode melhorar. A versão 3 da função utiliza abordagens diferentes na coleta ([ST_Collect](#) e [ST_Envelope](#)) e expansão da área ([ST_Buffer](#)), mas desta vez usando um raio de 4Km (a área resultante é circular). Nosso tempo melhora então para 13 segundos.

```

CREATE OR REPLACE FUNCTION public.calc_rotas_v3(
    IN source integer,
    IN target integer,
    IN k integer,
    IN directed boolean)
    RETURNS TABLE(seq integer, path_id integer, path_seq
integer, node bigint, edge bigint, cost double precision,
agg_cost double precision) AS
$BODY$
SELECT
    *
FROM
    pgr_ksp(
        'SELECT id, source, target, cost, reverse_cost FROM
osm_2po_4pgr as r,
            (SELECT
ST_Buffer(ST_Envelope(ST_Collect(geom_way)), 4) as box FROM
osm_2po_4pgr as l1

```



```

        WHERE l1.source = ' || $1 || ' OR l1.target = ' ||
$2 || ') as box
        WHERE r.geom_way && box.box', $1, $2, $3,
directed:=$4
    )
    $BODY$
    LANGUAGE sql VOLATILE
    COST 100
    ROWS 1000;
ALTER FUNCTION public.calc_rotas(integer, integer, integer,
boolean)
    OWNER TO postgres;

```

Para completar, vamos mexer nos índices. Devemos criar índices *btree* para as colunas *source*, *target* e *ID* e índice *gist* para a coluna de geometria *geom_way*. Siga com um *cluster* para este índice e depois um *analyze*.

```

CREATE INDEX idx_osm_2po_4pgr_source
    ON public.osm_2po_4pgr
    USING btree (source);

```

```

CREATE INDEX idx_osm_2po_4pgr_target
    ON public.osm_2po_4pgr
    USING btree (target);

```

```

CREATE INDEX idx_osm_2po_4pgr_id
    ON public.osm_2po_4pgr
    USING btree (id);

```

```

CREATE INDEX idx_osm_2po_4pgr_geomway
    ON public.osm_2po_4pgr
    USING gist (geom_way);

```

```

CLUSTER idx_osm_2po_4pgr_geomway ON osm_2po_4pgr;

```

```

VACUUM ANALYZE osm_2po_4pgr;

```

Nossa função agora leva 6 segundos para ser executada. Um bom ganho de desempenho. Lembre-se de que o parâmetro de 4Km do retângulo envolvente que selecionamos influencia muito no desempenho. Tente mudar este valor para 0.1 e você verá 6 segundos se transformar em 65 milissegundos! Se o tempo continuar

sendo um problema, você precisará de um HD SSD para seu banco de dados.

Eis alguns exemplos das funções de rotas do PGRouting:

K-Shortest Paths:

```
SELECT * FROM pgr_ksp(  
    'SELECT id, source, target, cost, reverse_cost FROM  
osm_2po_4pgr as r,  
    (SELECT st_buffer(st_envelope(st_collect(geom_way)), 4)  
as box FROM osm_2po_4pgr as l1  
    WHERE l1.source = 1358813 OR l1.target = 6450) as box  
    WHERE r.geom_way && box.box', 1358813, 6450, 1,  
directed:=false  
)
```

A-Star:

```
SELECT *  
    FROM pgr_astar(  
    'SELECT id, source, target, cost, x1,y1,x2,y2 FROM  
osm_2po_4pgr as r,  
    (SELECT ST_Expand(ST_Extent(geom_way),4) as box FROM  
osm_2po_4pgr as l1 WHERE l1.source =1358813 OR l1.target =  
6450) as box  
    WHERE r.geom_way && box.box',  
    1358813, 6450, false, false  
);
```

Dijkstra:

```
SELECT * FROM pgr_dijkstra(  
    'SELECT id, source, target, cost FROM osm_2po_4pgr as r,  
    (SELECT ST_Expand(ST_Extent(geom_way),4) as box FROM  
osm_2po_4pgr as l1 WHERE l1.source =1358813 OR l1.target =  
6450) as box WHERE r.geom_way && box.box', 1358813, 6450,  
false, false  
);
```

Vou criar um estilo para camada do GeoServer para representar a rota. É apenas uma linha vermelha um pouco mais grossa:

```
<?xml version="1.0" encoding="ISO-8859-1"?>  
<StyledLayerDescriptor version="1.0.0"
```

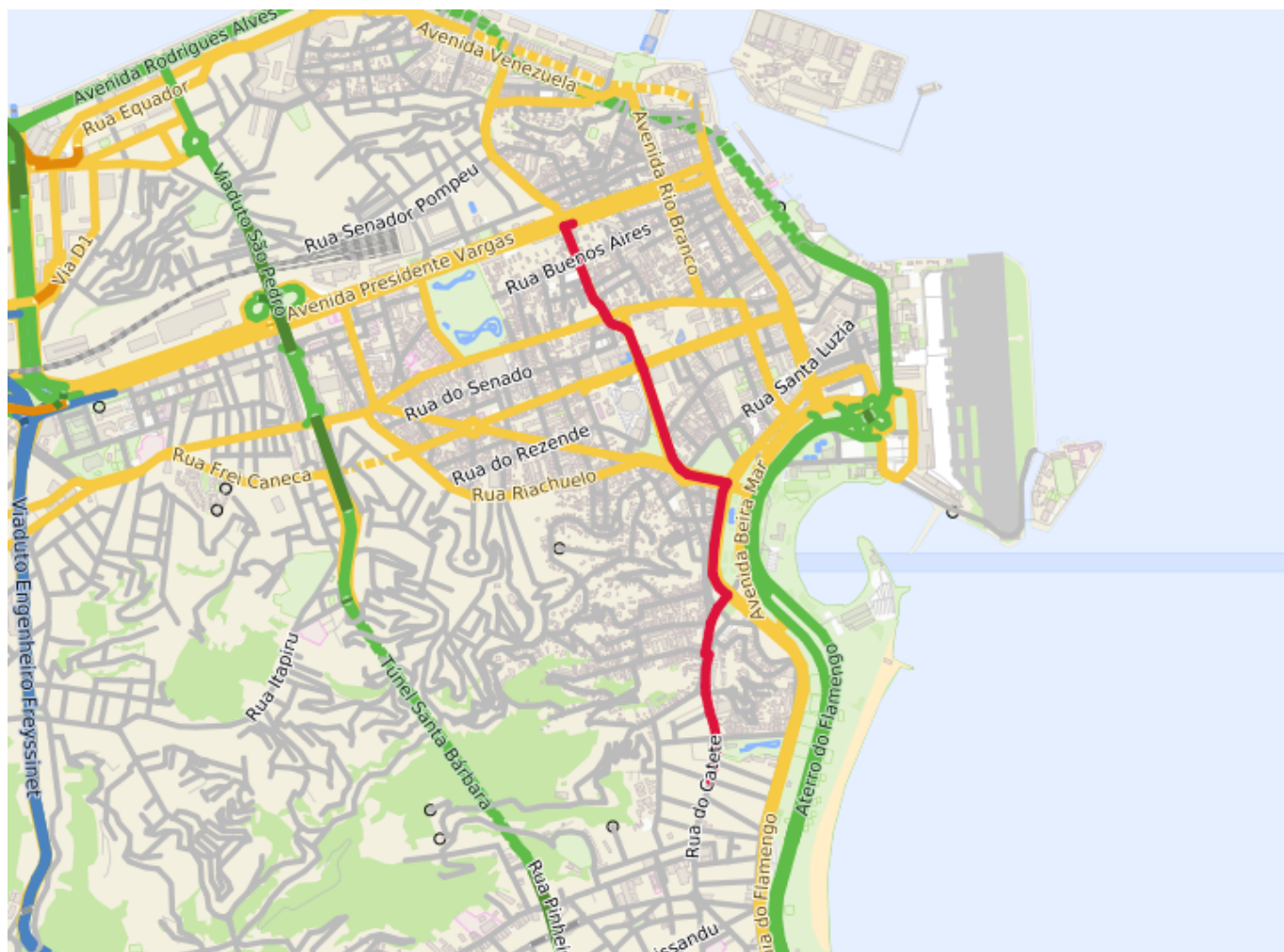
```
        xsi:schemaLocation="http://www.opengis.net/sld
http://schemas.opengis.net/sld/1.0.0/StyledLayerDescriptor.xsd
"
```

```
        xmlns="http://www.opengis.net/sld"
xmlns:ogc="http://www.opengis.net/ogc"
        xmlns:xlink="http://www.w3.org/1999/xlink"
xmlns:xsi="http://www.w3.org/2001/XMLSchema-instance">
```

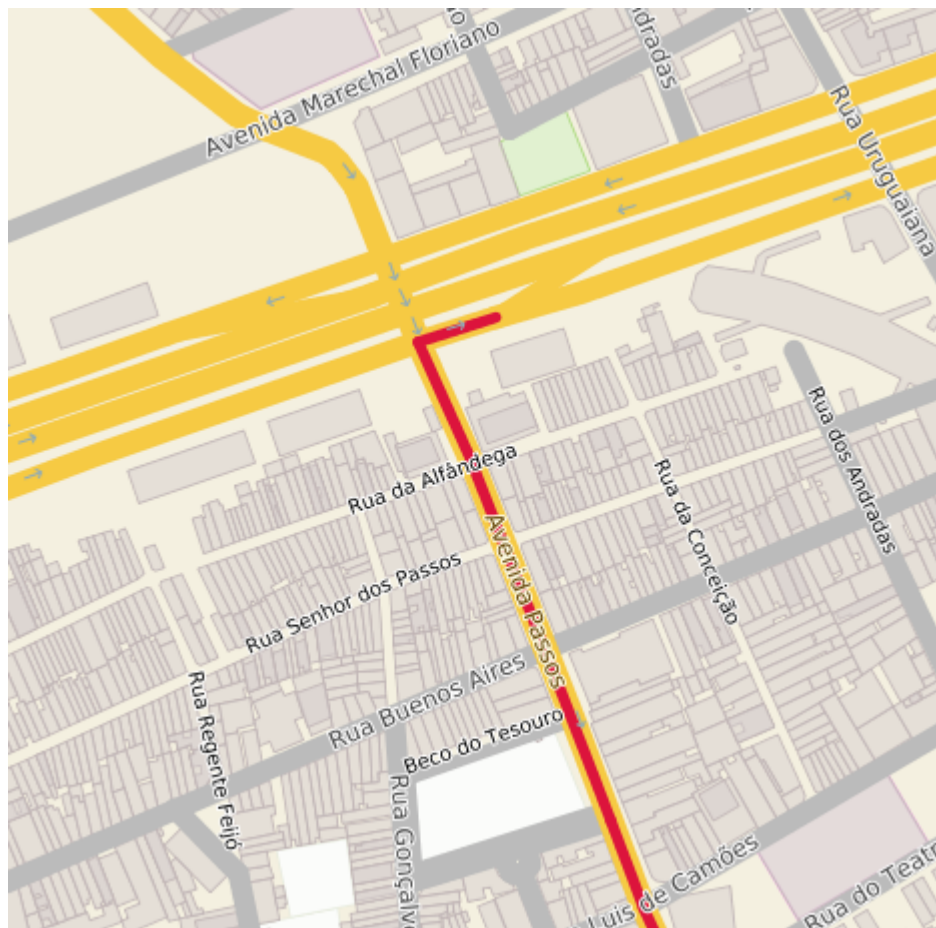
```
  <NamedLayer>
    <Name>rota</Name>
    <UserStyle>
      <Title>Uma linha vermelha para rotas</Title>
      <FeatureTypeStyle>
        <Rule>
          <Title>A rota vermelha</Title>
          <LineSymbolizer>
            <Stroke>
<CssParameter
name="stroke">#DC143C</CssParameter>
              <CssParameter name="stroke-
width">5</CssParameter>
              <CssParameter name="stroke-
linecap">round</CssParameter>
            </Stroke>
          </LineSymbolizer>
        </Rule>

      </FeatureTypeStyle>
    </UserStyle>
  </NamedLayer>
</StyledLayerDescriptor>
```

E aí está nossa rota representada no mapa:



Repare que a rota não está considerando a direção do tráfego.



Isso é porque no SQL da view nós optamos por colocar o parâmetro *directed* como *false*.

```
select
    osm.osm_id, osm.osm_name, osm.km
from
    calc_rotas_v3( 1358812, 6450, 1, false ) rota
join
    osm_2po_4pgr osm on rota.edge = osm.id
```

Vamos alterar para *true* para ver o resultado:

Servidor

- Status do servidor
- Logs do GeoServer
- Informações de contato
- Sobre o GeoServer

Dados

- Visualizador de Camada
- Espacios de trabajo
- Almacenes
- Camadas
- Grupos de camadas
- Estilos

Servicios

- WMS
- WCS
- WFS

Ajustes

- Global
- JAI

Editar vista SQL

Actualizar la definición de la vista SQL y sus metadatos

Nome da View de Dados

Instrução SQL

```
select osm.*
from calc_rotas_v3( 1358812, 6450, 1, true ) rota
join osm_2po_4pgr osm on rota.edge = osm.id
```

Agora sim! Você pode perceber que a rota sugerida segue a direção do trânsito (pequenas setas nas ruas):



Vamos ver quais são as 3 sugestões de rotas mais curtas que ele dá?

GeoServer

Servidor

- Status do servidor
- Logs do GeoServer
- Informações de contato
- Sobre o GeoServer

Dados

- Visualizador de Camada
- Espacios de trabajo
- Almacenes
- Camadas
- Grupos de camadas
- Estilos

Editar vista SQL

Actualizar la definición de la vista SQL y sus metadatos

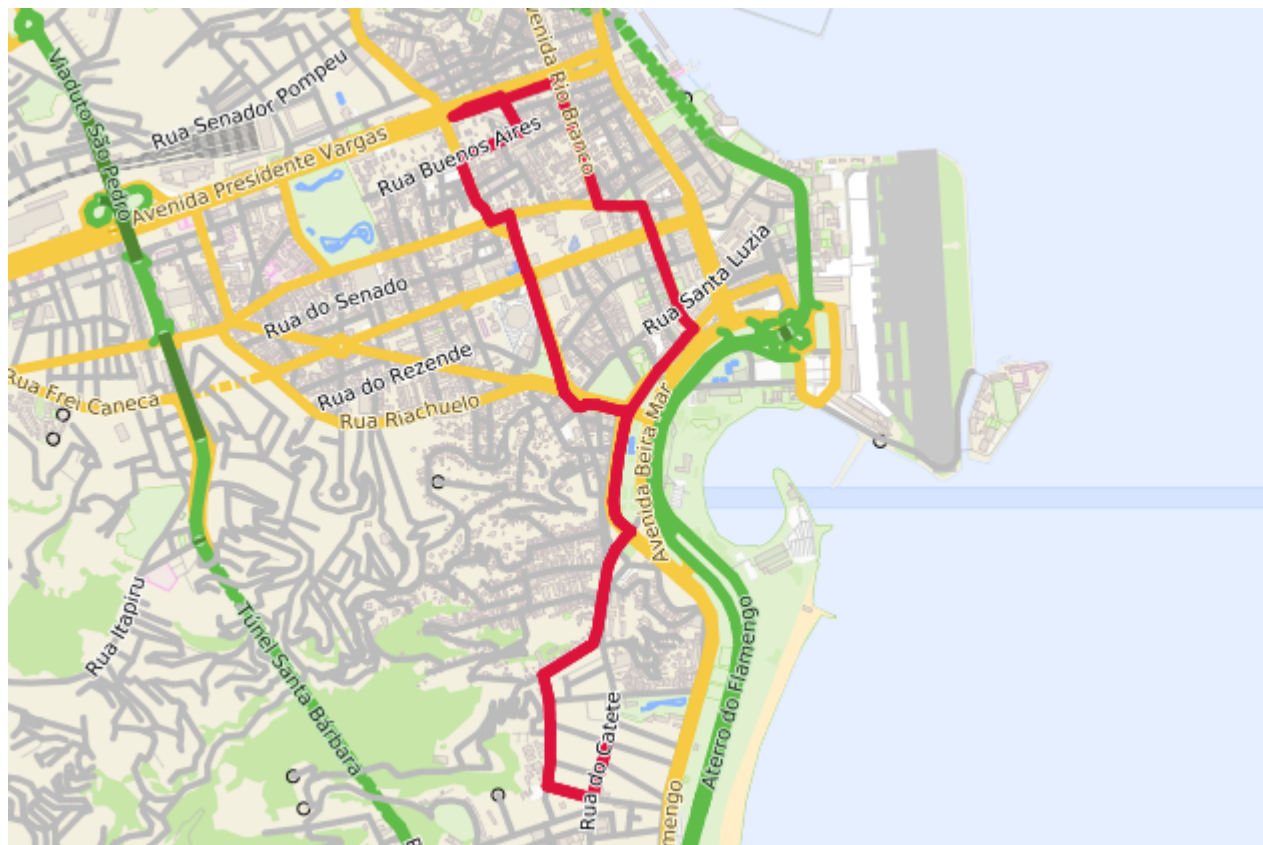
Nome da View de Dados

rota_pv_catete

Instrução SQL

```
select osm.*
from calc_rotas_v3( 1358812, 6450, 3, true ) rota
join osm_2po_4pgr osm on rota.edge = osm.id
```

Aí está: Não temos muitas opções para esta rota.



No próximo post: Parametrizando a consulta ao GeoServer. E vem por aí: Criação de uma interface WEB para o calculador de rotas usando o OpenLayers.

Trabalhando com rotas nos dados do OpenStreetMap: Parte 3

No [post anterior](#) eu mostrei alguns fundamentos básicos no cálculo de rotas usando dados do OSM. É hora de conhecer algumas funções do [pgRouting](#) que

fazem o trabalho pesado para você usando algoritmos eficientes, como o [A Star](#), [Shortest Path](#), [Dijkstra](#), etc.

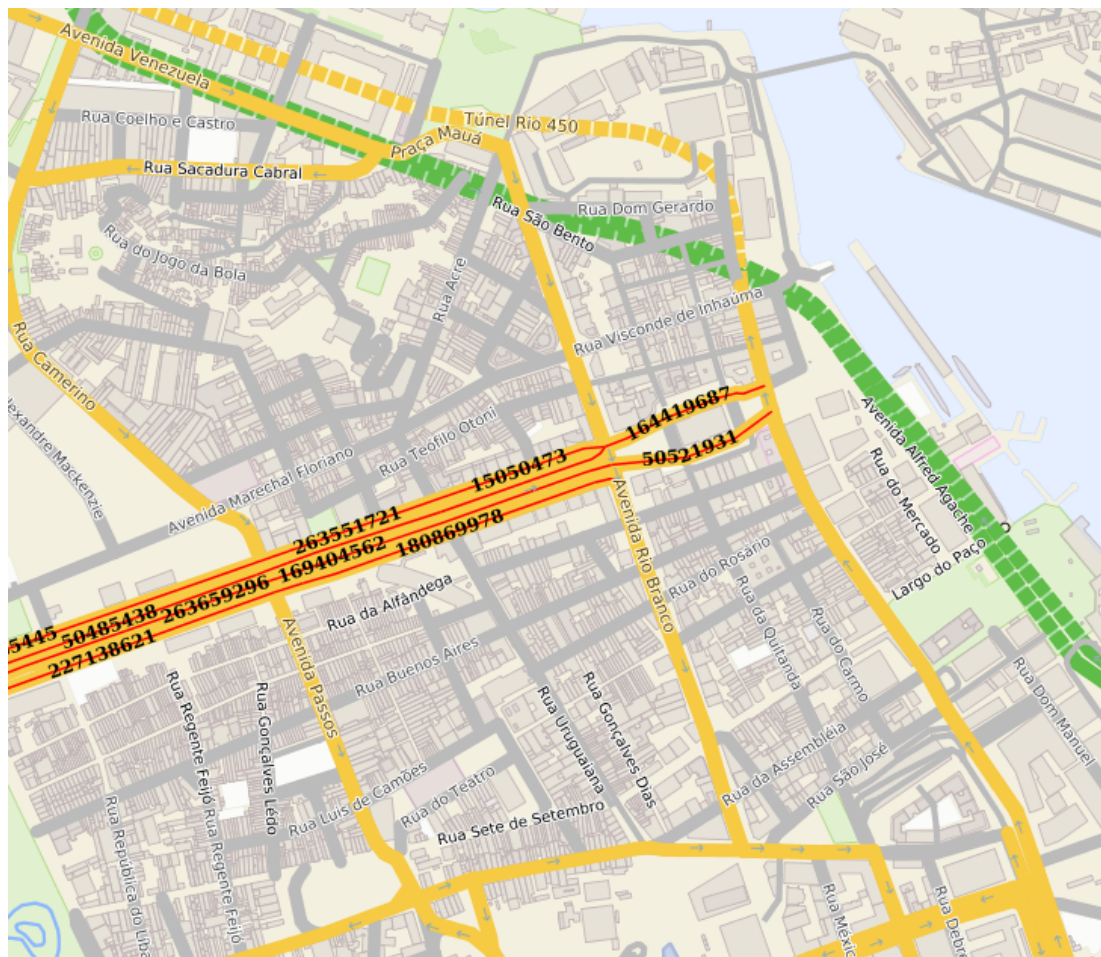
Eu havia mostrado [como criar uma view no banco de dados](#) para ter uma visão gráfica da Rua do Catete (RJ) no GeoServer. Tentar encontrar um caminho numa linha reta seria fácil, então vamos precisar encontrar outra rua um pouco mais longe para servir como o outro ponto da nossa rota. Ter uma visão gráfica da rua ajuda a entender melhor o processo, mas se você não quiser ou achar difícil usar o GeoServer, não tem problema: pode acompanhar as figuras que eu postei ou simplesmente usar a mesma instrução SQL da *view* e usar os dados obtidos.

Vamos usar uma avenida famosa no centro do Rio de Janeiro: a Avenida Presidente Vargas. Eis a *view* para encontrá-la:

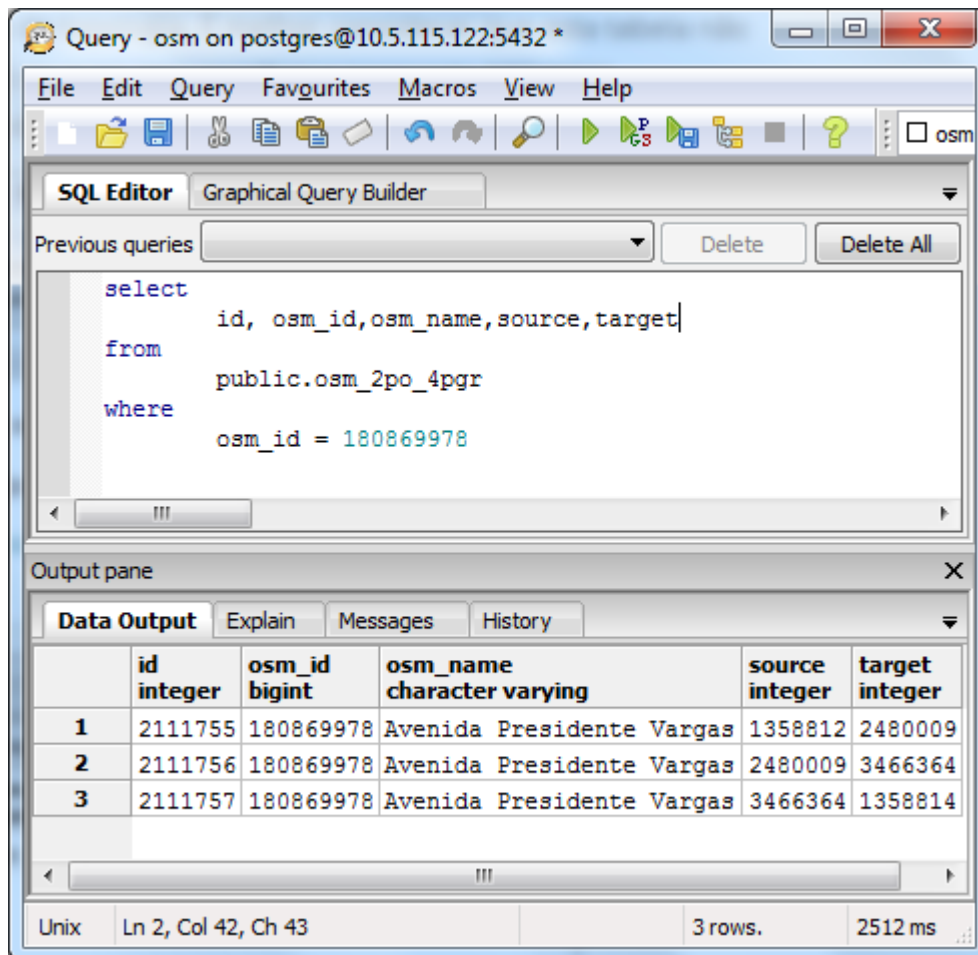
```
create or replace view av_pres_vargas as
select
    *
FROM
    planet_osm_line
WHERE
    planet_osm_line.name = 'Avenida Presidente Vargas'
```

Agora você perceberá a utilidade da visão da rua no mapa: existem várias avenidas com este nome no país. Para pegar somente a do Rio de Janeiro, seria necessário conhecer as coordenadas geográficas do centro da cidade e filtrar a geometria dos dados encontrados pela *view*. Além do mais, você precisará prestar atenção no *source* e *target* para saber qual segmento de rua se conecta com o outro. Eu acho mais fácil usar o mapa.

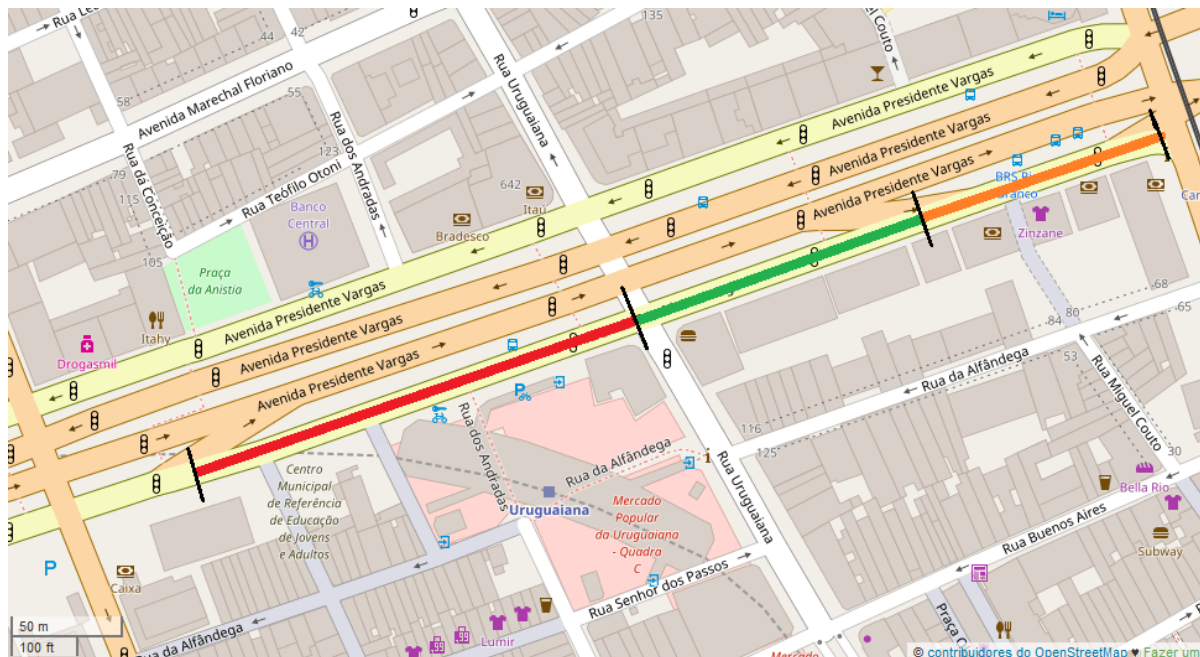
Após criar a *view* no banco de dados, usaremos exatamente o [mesmo processo do post anterior](#) para criar a camada do mapa no Geoserver. Eis o resultado:



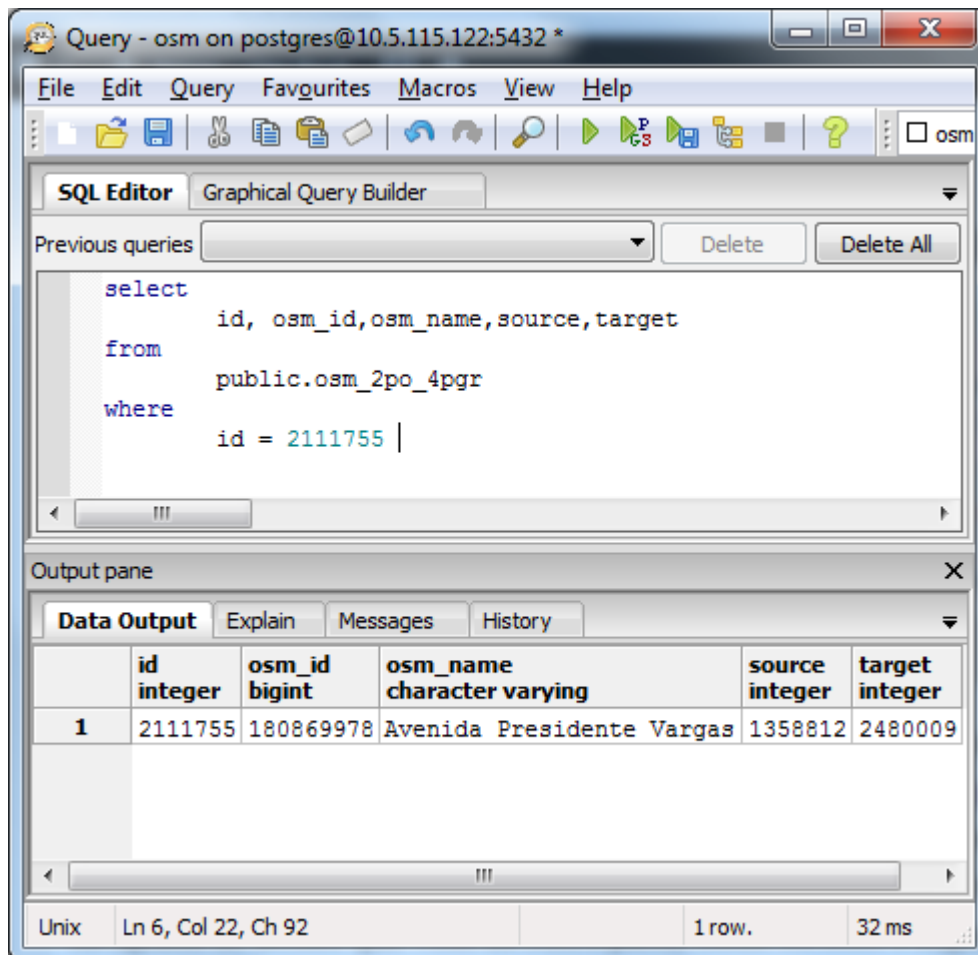
Como da outra vez, escolheremos um segmento qualquer. Vamos usar o segmento 180869978.



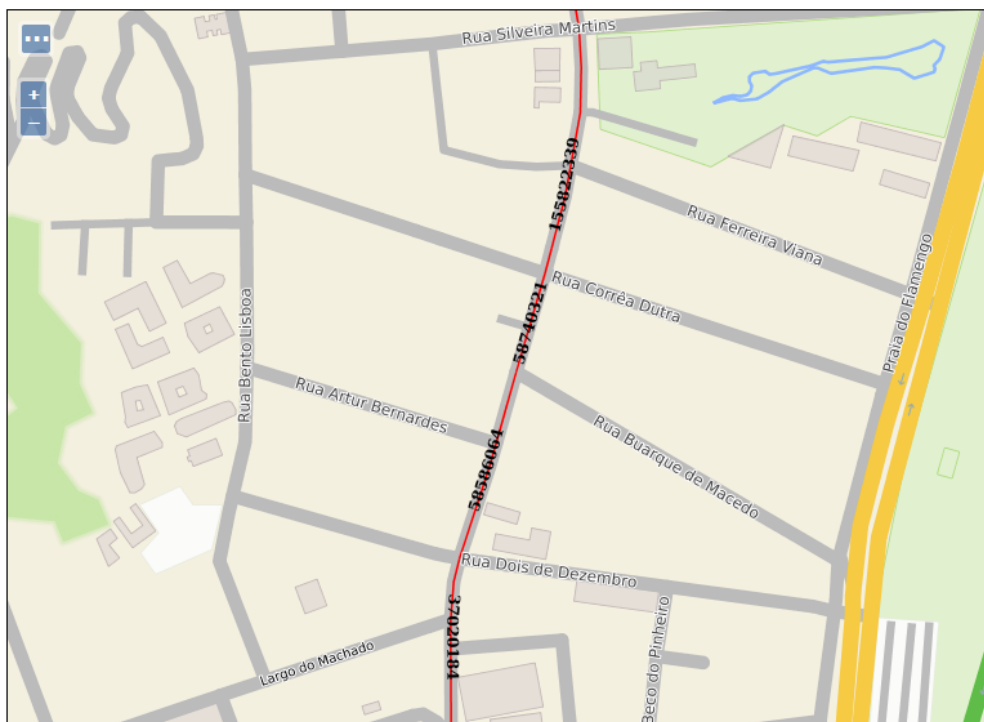
Opa! Encontramos 3 segmentos que apontam para a mesma rua nos dados originais do OSM (*planet_osm_line.osm_id*). Quando criamos a topologia (tabela *osm_2po_4pgr*), toda junção da rua com outras ruas é quebrada em um segmento. Sempre que uma rua “entra” em outra (é possível que o tráfego flua para esta rua), então um novo segmento é criado. Estamos então diante de dois tipos diferentes de segmento: o primeiro é como o próprio OSM entende a Avenida Pres. Vargas. Este entendimento é representado pelo segmento que existe na tabela *planet_osm_line* e possui o *osm_id* = 180869978. O segundo entendimento é o da topologia de rotas, na tabela *osm_2po_4pgr*, representado pelos 3 segmentos encontrados na consulta e que apontam para o mesmo segmento do OSM (mesmo *osm_id*). Vamos ampliar o mapa para ver o que houve. Eis o nosso segmento OSM 180869978 da Av. Pres. Vargas:



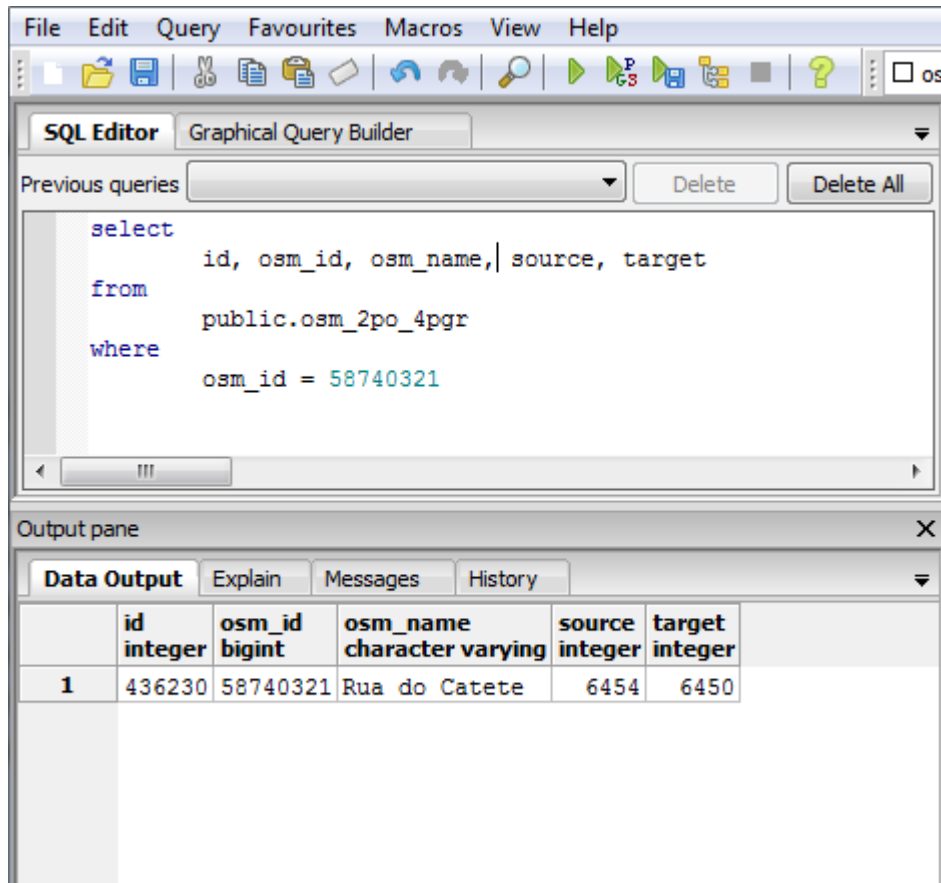
Repare que ele começa em uma saída de acesso para a pista lateral e termina na esquina com a Av. Rio Branco (no canto superior direito do mapa). Isso é [como o OSM percebe este segmento](#). Para efeito de rotas, é possível sair desta via e entrar na Rua Uruguaiana ou chegar pela Rua Uruguaiana e seguir nesta via, então o programa que criou a topologia fragmentou este segmento como eu marquei na cor vermelha. Também é possível chegar nesta via a partir da agulha de acesso que vem da outra pista, então foi feito o segundo fragmento, como eu marquei na cor laranja. O pedaço que liga os dois eu marquei em verde. Agora está explicado porque nosso segmento 180869978 possui 3 registros na tabela de rotas. Perceba também como seus valores de *source* e *target* os conectam perfeitamente. Dito isso, além de escolher um segmento, como fizemos com a Rua do Catete no post anterior, precisaremos decidir qual fragmento dele iremos usar. Vou escolher o primeiro (em vermelho), que corresponde ao ID 2111755 na listagem que conseguimos com o SQL.



Agora sim acabamos com a ambiguidade. Para o destino, vamos ficar com o nosso segmento 58740321 da Rua do Catete, mostrado no post anterior.



Selecionando no banco:



Já temos a origem na Av. Pres. Vargas (*source* = 1358812) e o destino na Rua do Catete (*target* = 6450). Podemos continuar. Vou dar como exemplo o algoritmo [K-Shortest Paths](#) (KSP), que seleciona as *k* rotas mais curtas, mas os outros algoritmos funcionam de forma semelhante. Não está no escopo deste artigo discutir sobre qual deles é o melhor, sendo que eu escolhi este simplesmente porque solucionou um problema de logística que eu tinha.

Quase todas as funções de rotas do *pgRouting* possuem a mesma estrutura: o valor *target* do segmento de destino, o valor *source* do segmento de origem, se vai obedecer a “mão” da rua e uma instrução SQL que vai fornecer o conjunto de ruas (universo de busca). Os parâmetros adicionais vão depender de cada função, sendo que no caso do KSP, é necessário ainda informar a quantidade de rotas que se deseja obter (valor do *K*).

A função K-Shortest Paths no *pgRouting* chama-se [pgr_ksp](#) e esta é a sua assinatura ([imagens do manual do pgRouting 2.3](#)):

```
pgr_ksp(edges_sql, start_vid, end_vid, k, directed,
heap_paths)
```

onde:

Column	Type	Description
<code>edges_sql</code>	TEXT	SQL query as described above.
<code>start_vid</code>	BIGINT	Identifier of the starting vertex.
<code>end_vid</code>	BIGINT	Identifier of the ending vertex.
<code>k</code>	INTEGER	The desired number of paths.
<code>directed</code>	BOOLEAN	(optional). When <code>false</code> the graph is considered as Undirected. Default is <code>true</code> which considers the graph as Directed.
<code>heap_paths</code>	BOOLEAN	(optional). When <code>true</code> returns all the paths stored in the process heap. Default is <code>false</code> which only returns <code>k</code> paths.

O SQL que vai fornecer os dados de entrada para a busca (parâmetro `edges_sql`) deve possuir como retorno as seguintes colunas:

Column	Type	Default	Description
<code>id</code>	ANY-INTEGER		Identifier of the edge.
<code>source</code>	ANY-INTEGER		Identifier of the first end point vertex of the edge.
<code>target</code>	ANY-INTEGER		Identifier of the second end point vertex of the edge.
<code>cost</code>	ANY-NUMERICAL		Weight of the edge (<i>source</i> , <i>target</i>) <ul style="list-style-type: none">When negative: edge (<i>source</i>, <i>target</i>) does not exist, therefore it's not part of the graph.
<code>reverse_cost</code>	ANY-NUMERICAL	-1	Weight of the edge (<i>target</i> , <i>source</i>), <ul style="list-style-type: none">When negative: edge (<i>target</i>, <i>source</i>) does not exist, therefore it's not part of the graph.

No nosso caso, este SQL será

```
SELECT id, source, target, cost, reverse_cost FROM
osm_2po_4pgr
```

que retornará todo o conteúdo da tabela de topologias como universo de busca. Não se preocupe com isso por enquanto, pois pretendo mostrar como otimizar as buscas mais adiante. O parâmetro `cost` representa o custo de travessia do segmento, nesse caso, seu comprimento, já `reverse_cost` é o custo de travessia do segmento na “mão” contrária à direção do segmento caso decidirmos por usar o parâmetro `directed`, que informa se desejamos obedecer a “mão” das ruas ou não. Vou falar sobre isso mais adiante. Não vou me preocupar com o parâmetro `heap_paths` por não julgar importante para o escopo do artigo.

A função irá retornar uma relação (uma tabela) com a seguinte estrutura:

Column	Type	Description
<code>seq</code>	INTEGER	Sequential value starting from 1.
<code>path_seq</code>	INTEGER	Relative position in the path of <code>node</code> and <code>edge</code> . Has value 1 for the beginning of a path.
<code>path_id</code>	BIGINT	Path identifier. The ordering of the paths For two paths <i>i</i> , <i>j</i> if <i>i</i> < <i>j</i> then <code>agg_cost(i)</code> <= <code>agg_cost(j)</code> .
<code>node</code>	BIGINT	Identifier of the node in the path.
<code>edge</code>	BIGINT	Identifier of the edge used to go from <code>node</code> to the next node in the path sequence. -1 for the last node of the route.
<code>cost</code>	FLOAT	Cost to traverse from <code>node</code> using <code>edge</code> to the next node in the path sequence.
<code>agg_cost</code>	FLOAT	Aggregate cost from <code>start_vid</code> to <code>node</code> .

O valor do atributo *path_seq* representa a sequencia de vias em uma determinada rota e o valor de *path_id* separa o conjunto de vias de cada rota. Se você optou por receber as 5 rotas mais curtas, *path_id* vai variar de 1 até 5 (ou até o número de caminhos encontrados). Os parâmetros *cost* e *agg_cost* representam respectivamente o comprimento em Km de um segmento e o comprimento total acumulado em Km do início da rota até o segmento selecionado. Tendo apresentado a função *pgr_ksp*, vamos construir uma função *wrapper* para facilitar nossa vida mais um pouco:

```
CREATE OR REPLACE FUNCTION public.calc_rotas(
    IN source integer,
    IN target integer,
    IN k integer,
    IN directed boolean)
RETURNS TABLE(
    seq integer,
    path_id integer,
    path_seq integer,
    node bigint,
    edge bigint,
    cost double precision,
    agg_cost double precision
) AS
$BODY$
SELECT
    *
FROM
    pgr_ksp(
        'SELECT id, source, target, cost, reverse_cost FROM
osm_2po_4pgr',$1, $2, $3, directed:=$4
    )
$BODY$
LANGUAGE sql VOLATILE COST 100;
```

Vamos executar a função. Vou pedir as 5 rotas mais curtas com início na Av. Pres. Vargas de término na Rua do Catete, sem me importar com a direção do tráfego (como pedestre, talvez):

Query - osm on postgres@10.5.115.122:5432 *

File Edit Query Favurites Macros View Help

SQL Editor Graphical Query Builder

Previous queries [v] Delete Delete All

```
select * from calc_rotas( 1358812, 6450, 5, false )
```

Output pane

Data Output Explain Messages History

	seq integer	path_id integer	path_seq integer	node bigint	edge bigint	cost double precision	agg_cost double precision
1	1	1	1	1358812	2111755	0.00381	0
2	2	1	2	2480009	3811819	0.0017831	0.00381
3	3	1	3	32674	3811820	0.0011176	0.0055931
4	4	1	4	333596	3811821	0.0010996	0.0067107
5	5	1	5	2480010	3812154	0.0019902	0.0078103
6	6	1	6	2480161	3812155	0.0038822	0.0098005
7	7	1	7	1611782	4394684	0.0014339	0.0136827
8	8	1	8	1912226	4394685	0.0007281	0.0151166
9	9	1	9	2877462	4394686	0.0020117	0.0158447
10	10	1	10	2441197	4394687	0.0003354	0.0178564
11	11	1	11	1233186	6250115	0.001214	0.0181918
12	12	1	12	70335	108342	0.001556	0.0194058
13	13	1	13	29839	43656	0.0021185	0.0209618
14	14	1	14	29840	108344	0.000723	0.0230803
15	15	1	15	70338	108345	0.002162	0.0238033

OK. Unix Ln 1, Col 53, Ch 53 234 rows. 116140 ms

Como você pode notar, a pesquisa demorou 116.140 ms para ser executada em um servidor dedicado, com 16G de RAM e 8 núcleos. Nada bom, mas como eu disse, ainda dá para melhorar muito este número com alguns truques. Além disso, vale lembrar que ele selecionou as 5 melhores rotas possíveis em um universo de, no meu caso, 11.574.907 de segmentos de ruas. Se optarmos por obedecer a direção do tráfego, este número aumenta consideravelmente.

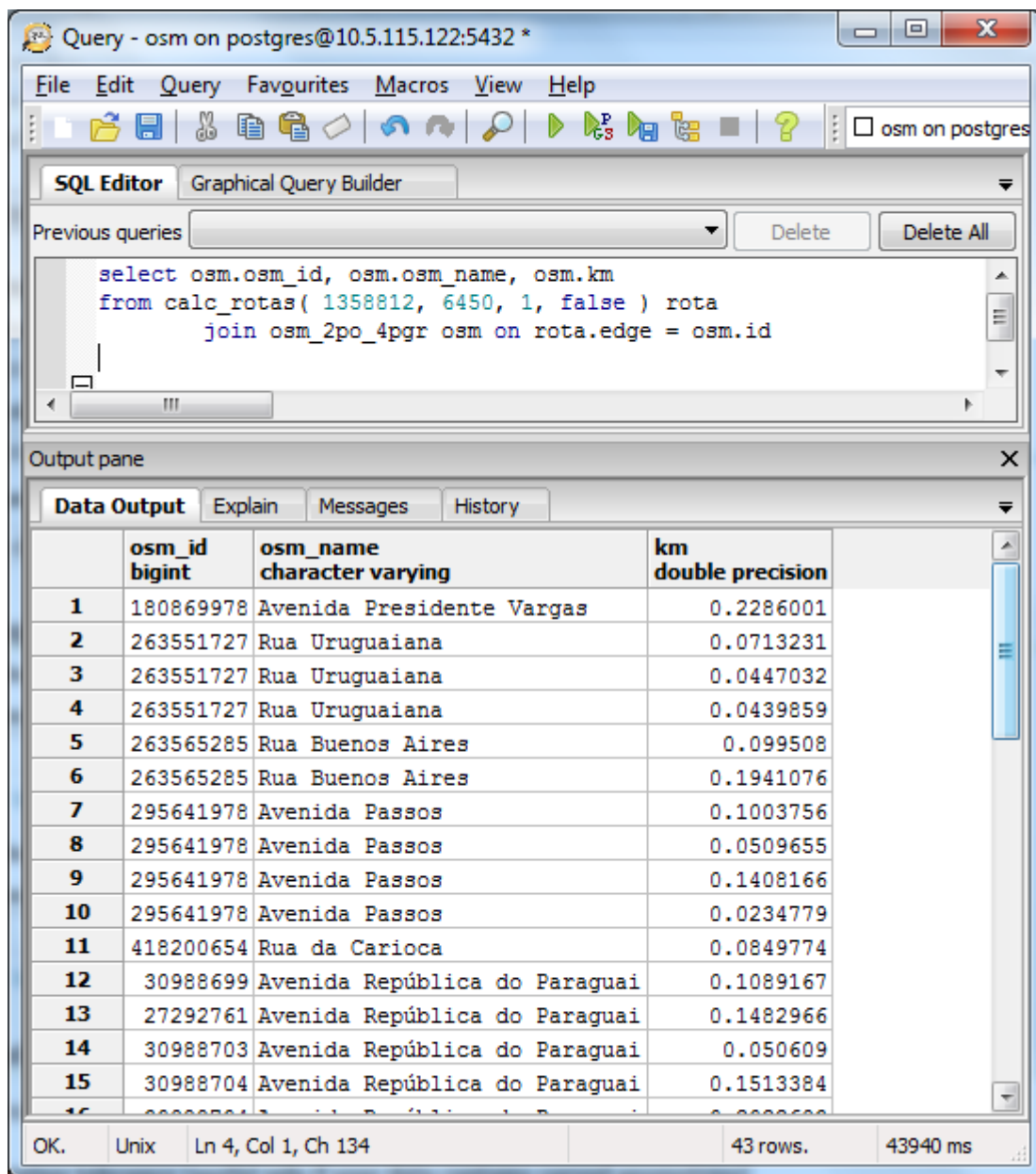
Mas este resultado não me disse muita coisa. Vamos melhorar um pouco mais com uma junção extra. Vou reduzir minhas opções para apenas uma rota para otimizar meu tempo:

```
select
    osm.osm_id, osm.osm_name, osm.km
from
    calc_rotas( 1358812, 6450, 1, false ) rota
```


join

```
osm_2po_4pgr osm on rota.edge = osm.id
```

Resultado:



The screenshot shows a PostgreSQL query editor window titled "Query - osm on postgres@10.5.115.122:5432 *". The SQL Editor tab is active, displaying the following query:

```
select osm.osm_id, osm.osm_name, osm.km
from calc_rotas( 1358812, 6450, 1, false ) rota
join osm_2po_4pgr osm on rota.edge = osm.id
```

The Output pane is visible below the SQL Editor, showing the "Data Output" tab. It displays a table with 4 columns: **osm_id** (bigint), **osm_name** (character varying), and **km** (double precision). The table contains 15 rows of data, numbered 1 through 15. The status bar at the bottom indicates "OK.", "Unix", "Ln 4, Col 1, Ch 134", "43 rows.", and "43940 ms".

	osm_id bigint	osm_name character varying	km double precision
1	180869978	Avenida Presidente Vargas	0.2286001
2	263551727	Rua Uruguaiana	0.0713231
3	263551727	Rua Uruguaiana	0.0447032
4	263551727	Rua Uruguaiana	0.0439859
5	263565285	Rua Buenos Aires	0.099508
6	263565285	Rua Buenos Aires	0.1941076
7	295641978	Avenida Passos	0.1003756
8	295641978	Avenida Passos	0.0509655
9	295641978	Avenida Passos	0.1408166
10	295641978	Avenida Passos	0.0234779
11	418200654	Rua da Carioca	0.0849774
12	30988699	Avenida República do Paraguai	0.1089167
13	27292761	Avenida República do Paraguai	0.1482966
14	30988703	Avenida República do Paraguai	0.050609
15	30988704	Avenida República do Paraguai	0.1513384

O que fiz foi pegar o ID do segmento que veio no resultado da rota (valor de *edge*) e procurar este segmento na tabela de topologias *osm_2po_4pgr*. Assim eu pude saber o nome da rua e seu comprimento, bem como seu *osm_id*, caso eu precise de mais detalhes que existem somente na tabela original do OSM (*planet_osm_line*). O tempo da consulta também reduziu bastante quando optei por receber somente uma rota. Bem melhor.

Caso você deseje ver isso no mapa, proceda criando uma camada tipo SQL View, como mostrado no [post anterior](#). Para o SQL de seleção, coloque por enquanto:

```
select osm.*  
from calc_rotas( 1358812, 6450, 1, false ) rota  
  join osm_2po_4pgr osm on rota.edge = osm.id
```

Dependendo do seu hardware, deve dar um pouco de trabalho para criar esta camada porque a consulta é muito demorada sem a otimização necessária.

No próximo post: [otimização da consulta](#), passagem de parâmetro para o GeoServer e início da construção da interface.

Referências:

https://en.wikipedia.org/wiki/Shortest_path_problem

https://en.wikipedia.org/wiki/K_shortest_path_routing

http://docs.pgrouting.org/2.3/en/src/ksp/doc/pgr_ksp.html

http://docs.pgrouting.org/2.3/en/doc/src/developer/sampled_data.html#sample_data

<http://pgrouting.org/docs/howto/one-way.html>

[First taste of routing in PostGIS using pgRouting](#)

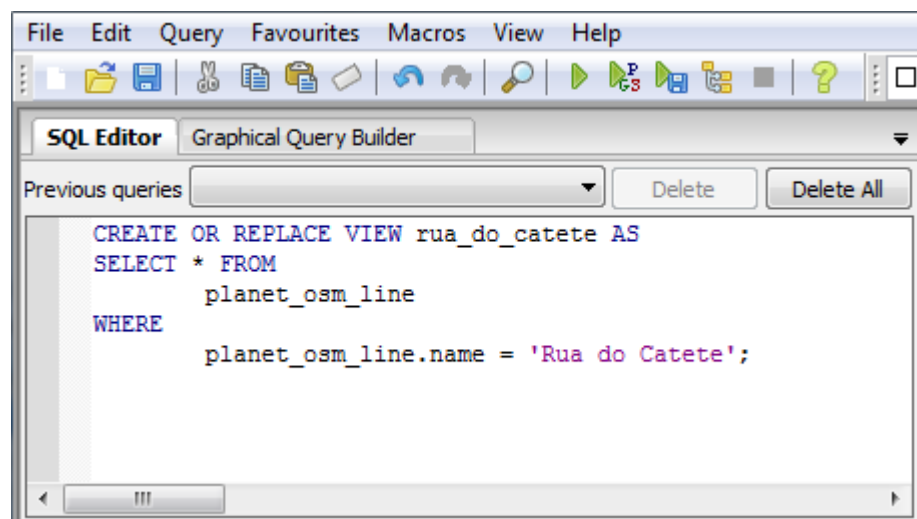
Trabalhando com rotas nos dados do OpenStreetMap: Parte 2

No [artigo anterior](#), criamos a tabela de topologia e aprendemos alguma coisa sobre ela e um pouco sobre como as rotas são armazenadas. Neste artigo vou me aprofundar um pouco mais nestes conceitos antes de prosseguir com a prática.

Vou usar o GeoServer para criar a visualização de certos dados da tabela

osm_2po_4pgr. Infelizmente não é o escopo deste artigo ensinar a usar o GeoServer. Por sorte, tudo que vou exibir neste artigo é ilustrativo e servirá apenas para você acompanhar minhas explicações. Não há necessidade de executar nada por enquanto.

Vou começar criando uma *view* no nosso banco de dados *osm* somente para exibir a Rua do Catete (no Rio de Janeiro). Esta *view* não tem finalidade prática no cálculo de rotas e só servirá como ilustração dos conceitos mostrados no artigo:



Agora, é necessário criar uma SQL View no GeoServer. Vá em “Camadas”, selecione “Adicionar Novo Recurso”, escolha o *workspace* do nosso banco de dados OSM e clique em “Configure New SQL View”.

nd types. [Create new feature type...](#)
statement. [Configure new SQL view...](#)
a capa que desea configurar



Pesquisa
Acción
Publicar novamente
Publicar novamente
Publicar novamente

Na instrução SQL, preencha com

```
select * from public.rua_do_catete
```

clique em “Atualizar” e modifique os valores do atributo “way” conforme figura abaixo (tipo “LineString” e SRID “900913”:

way_area	Float
abandoned:aeroway	String
abandoned:amenity	String
abandoned:building	String
abandoned:landuse	String
abandoned:power	String
area:highway	String

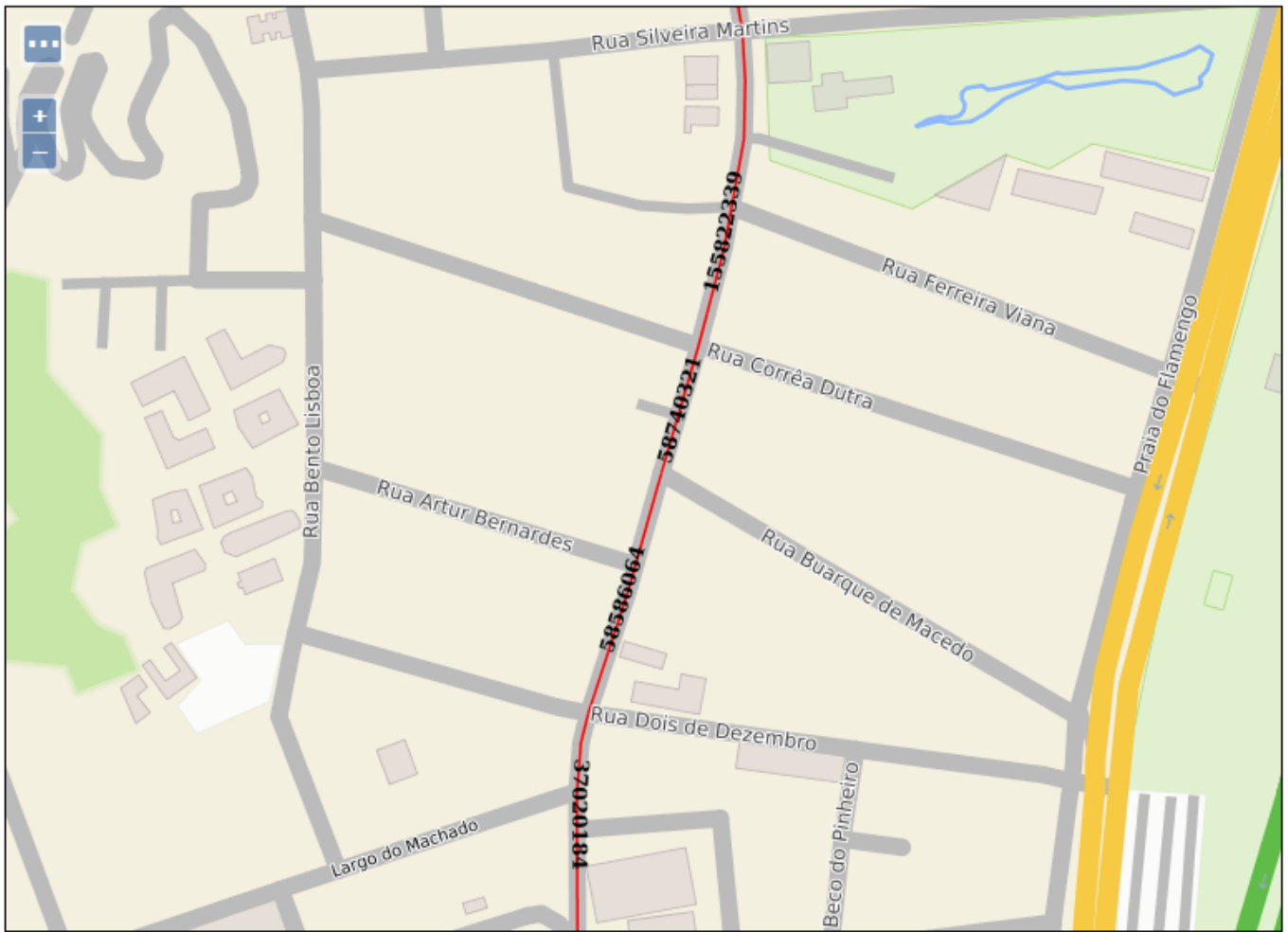
way	<input type="text" value="LineString"/>	<input type="text" value="900913"/>
-----	---	-------------------------------------

Atualize o “*Bounding Box*” (Retângulos Envolventes) e salve. Eu criei um estilo para esta camada somente para que eu possa acompanhar os identificadores dos segmentos da rua.

```
<NamedLayer>
  <Name>catete_line</Name>
  <UserStyle>
    <Title>Estilo para a Rua do Catete</Title>
  <FeatureTypeStyle>
    <Rule>
      <LineSymbolizer>
        <Stroke>
          <CssParameter name="stroke">#FF0000</CssParameter>
        </Stroke>
      </LineSymbolizer>
      <TextSymbolizer>
        <Label>
          <ogc:PropertyName>osm_id</ogc:PropertyName>
        </Label>
        <LabelPlacement>
          <LinePlacement />
        </LabelPlacement>
      </TextSymbolizer>
    </Rule>
  </FeatureTypeStyle>
</NamedLayer>
```

```
    <CssParameter name="fill">#000000</CssParameter>
  </Fill>
  <Font>
    <CssParameter name="font-family">Arial</CssParameter>
    <CssParameter name="font-size">12</CssParameter>
    <CssParameter name="font-style">normal</CssParameter>
    <CssParameter name="font-weight">bold</CssParameter>
  </Font>
  <VendorOption name="followLine">true</VendorOption>
  <VendorOption name="maxAngleDelta">90</VendorOption>
  <VendorOption name="maxDisplacement">400</VendorOption>
  <VendorOption name="repeat">150</VendorOption>
</TextSymbolizer>
</Rule>
</FeatureTypeStyle>
</UserStyle>
</NamedLayer>
```

O próximo passo foi criar um grupo de camadas com a camada da Rua do Catete e o grupo de camadas do OSM (grupo que eu criei com todas as camadas do OSM). O resultado disso tudo você vê na figura abaixo:



É claro que você não precisaria de nada disso. Bastava selecionar os registros na tabela com o SQL usado pela *view* e pronto, mas a princípio não daria para saber a sequência correta dos segmentos e quem conecta com quem, pois esta informação está na geometria (e na tabela de topologia, mas para achar alguma coisa lá precisamos saber o que estamos procurando). Já temos os segmentos da Rua do Catete com seus respectivos identificadores. Agora podemos procurar um segmento da rua na tabela de topologia. É melhor considerar que esta tabela não entende de ruas, mas sim de segmentos de ruas. Vou escolher o segmento 58740321 (segmento da Rua do Catete entre a Corrêa Dutra e a Buarque de Macedo):

The screenshot shows a PostgreSQL SQL Editor window. The menu bar includes File, Edit, Query, Favourites, Macros, View, and Help. The toolbar contains icons for file operations, query execution, and help. The SQL Editor tab is active, showing the following query:

```
select
    id, osm_id, osm_name, source, target
from
    public.osm_2po_4pgr
where
    osm_id = 58740321
```

Below the query editor is the Output pane, which is currently displaying the Data Output tab. The results are shown in a table with the following columns: id, osm_id, osm_name, source, and target.

	id integer	osm_id bigint	osm_name character varying	source integer	target integer
1	436230	58740321	Rua do Catete	6454	6450

Agora que achamos os dados do segmento, podemos perguntar quem chega até ele e para onde ele vai. Observe o seu valor *source* 6454. Vamos perguntar: “quem tem como destino o segmento cujo *source* é 6454?” ou, “dado o segmento com origem 6454, quem chega até ele?”

The screenshot shows a PostgreSQL SQL Editor window. The menu bar includes File, Edit, Query, Favourites, Macros, View, and Help. The toolbar contains various icons for file operations, query execution, and help. The SQL Editor tab is active, showing the following query:

```
select
  id, osm_id, osm_name, source, target
from
  public.osm_2po_4pgr
where
  target = 6454
```

Below the query editor is the Output pane, which is currently displaying the Data Output tab. The results are shown in a table with the following columns: id, osm_id, osm_name, source, and target. The table contains two rows of data.

	id integer	osm_id bigint	osm_name character varying	source integer	target integer
1	4915	5136172	Rua Buarque de Macedo	6453	6454
2	435938	58586064	Rua do Catete	6533	6454

Encontramos duas ruas cujo *target* é a rua com source 6454: o segmento anterior da Rua do Catete (não por coincidência o segmento 58586064), e a Rua Buarque de Macedo.



Ótimo! Descobrimos de onde viemos, mas para onde vamos? Precisamos procurar as ruas com *source* igual ao *target* (6450) do nosso segmento inicial (58740321):

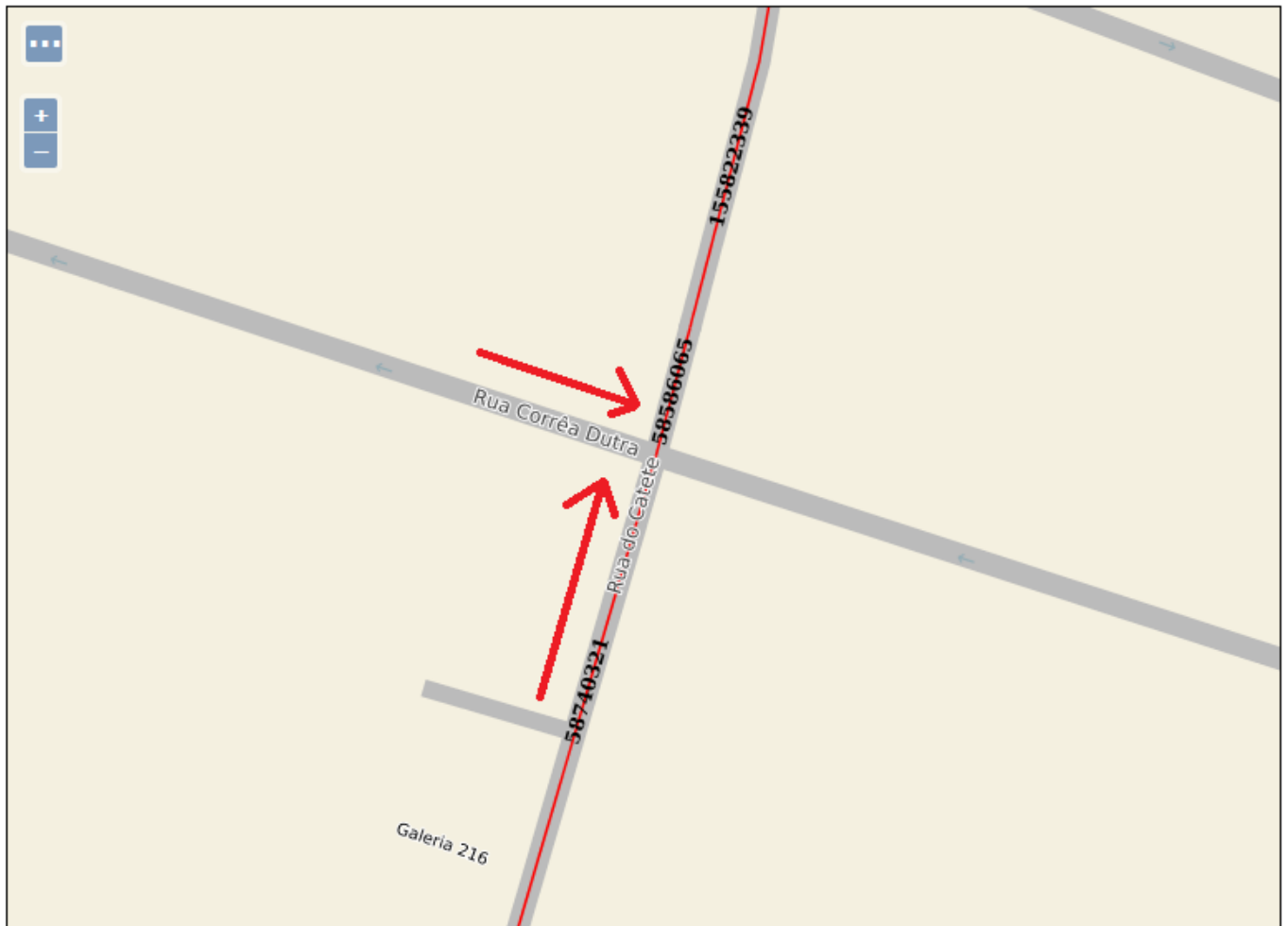
The screenshot shows a SQL Editor window with a menu bar (File, Edit, Query, Favourites, Macros, View, Help) and a toolbar. The 'SQL Editor' tab is active, displaying a query in the 'Previous queries' list. The query is:

```
select
  id, osm_id, osm_name, source, target
from
  public.osm_2po_4pgr
where
  source = 6450
```

Below the query editor is the 'Output pane' with tabs for 'Data Output', 'Explain', 'Messages', and 'History'. The 'Data Output' tab is selected, showing a table with 6 columns: id, osm_id, osm_name, source, and target. The table contains two rows of data:

	id integer	osm_id bigint	osm_name character varying	source integer	target integer
1	433896	56178677	Rua Corrêa Dutra	6450	267805
2	435939	58586065	Rua do Catete	6450	268919

Encontramos a Rua Corrêa Dutra e outro segmento da Rua do Catete (58586065), mas este segmento não está no mapa! Depois do segmento 58740321 vem o 155822339. Bom, isso é um problema de zoom. O GeoServer “sabe” que precisa omitir algumas coisas para manter a ordem na tela. Então, vamos aproximar um pouco o zoom para ver com mais clareza...



Aí está o segmento perdido bem onde ele deveria estar. Nossa rota então ficou assim: Você pode vir da Rua Buarque de Macedo (segmento 5136172) ou da Rua do Catete (segmento 58586064) , pegar a Rua do Catete (segmento 58740321) e seguir pela Rua Corrêa Dutra (segmento 56178677) ou continuar na Rua do Catete (segmento 58586065) .

Bom, aprendemos a fazer uma rota “na mão”. Na prática, quando você olha para um mapa no Google ou no OpenStreetMap, você não percebe os segmentos de ruas, mas saiba que eles são peças fundamentais no cálculo de rotas. O atributo *osm_id* serve para vincular as topologias de volta para a tabela de dados do OSM *planet_osm_line*, com mais informações sobre o segmento.

Tente agora continuar pela Rua Corrêa Dutra, Praia do Flamengo, Ferreira Viana, retornar pela Rua do Catete, Artur Bernardes e Bento Lisboa.

No próximo artigo, veremos como obedecer a “mão” da rua e começar a preparar o terreno para nosso calculador de rotas.

Trabalhando com rotas nos dados do OpenStreetMap

Para esta série de artigos, vou pressupor que você já possui um [ambiente OSM instalado](#) e ainda guarda com você o arquivo **south-america-latest.osm.pbf**. Se você não possui nada disso, acompanhe primeiro [esta série](#) antes de prosseguir.

Vou mostrar como criar uma tabela de vértices (topologia) dos dados de ruas do OSM para então calcular rotas com eficiência.

Vamos precisar baixar o programa *Osm2Po*, que faz todo o trabalho de criação da topologia sem que você precise de muito esforço. De quebra ele ainda oferece um serviço WEB onde você já poderá calcular suas rotas, mas não é minha intenção usar serviços de terceiros! vamos criar nosso próprio sistema de cálculo de rotas com o [Geoserver](#) como servidor de mapas e o [OpenLayers](#) como interface com o usuário.

```
$ wget http://osm2po.de/releases/osm2po-5.1.0.zip
```

```
$ unzip osm2po-5.1.0.zip
```

Após baixar e descompactar o arquivo, edite o arquivo *osm2po.config* e retire os comentários das seguintes linhas:

```
postp.0.class = de.cm.osm2po.plugins.postp.PgRoutingWriter
postp.0.writeMultiLineStrings = true
postp.1.class = de.cm.osm2po.plugins.postp.PgVertexWriter
postp.2.class = de.cm.osm2po.plugins.postp.PgPolyWayWriter
postp.3.class = de.cm.osm2po.plugins.postp.PgPolyRelWriter

postp.4.class = de.cm.osm2po.postp.GeoExtensionBuilder
```

```
postp.5.class = de.cm.osm2po.postp.MlgExtensionBuilder
postp.5.id = 0
postp.5.maxLevel = 3, 1.0
```

```
postp.6.class = de.cm.osm2po.sd.postp.SdGraphBuilder
```

```
# Pg*Writer usually create sql files. Enable the following
# parameter to redirect them to stdout (console)
```

```
postp.pipeOut = false
```

Minha máquina possui 8GB de RAM, então eu serei generoso separando 5GB para a execução do programa. Se você quiser modificar isso, altere o parâmetro -*Xmx5g* no comando de execução abaixo.

```
java -Xmx5g -jar osm2po-core-5.1.0-signed.jar
tileSize=30x60,10 south-america-latest.osm.pbf
```

Digite “yes” para aceitar a licença. Só precisará fazer isso uma vez. Dependendo da sua quantidade de memória, isso poderá demorar um pouco. Ao final da conversão, se tudo correr bem, o programa continuará rodando e você deverá ter um servidor web ouvindo na porta 8888:

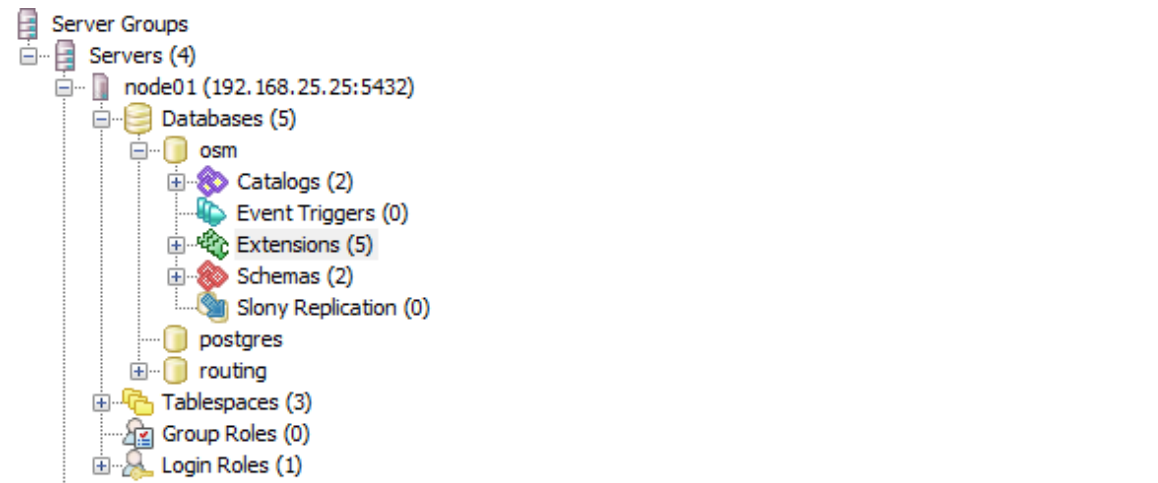
<http://localhost:8888/0sm2poService>

Pode parar o serviço usando CTRL+C. O que nos interessa é o conteúdo da pasta *osm* que foi criada. Dentro dela, entre outros arquivos, deverá conter o arquivo **osm_2po_4pgr.sql** (de tamanho um pouco exagerado para um SQL, mas é isso mesmo).

Vamos importar este SQL para o [banco de dados osm](#) do nosso OpenStreetMap:

```
$ su postgres (opcional, dependendo de seu ambiente. Você
precisará estar em sudo -i para fazer isso)
$ psql -U postgres -d osm -q -f "osm_2po_4pgr.sql" ( a
conexão local precisa estar como "trust" )
```

Onde *postgres* é o usuário do servidor e *osm* é o nome do banco de dados. [Mais detalhes em como configurar a conexão local como trust](#). Certifique-se de que todas as extensões necessárias estão instaladas antes de executar a importação:



Extension	Owner	Comment
hstore	postgres	data type for storing sets of (key, value) pairs
pgrouting	postgres	pgRouting Extension
plpgsql	postgres	PL/pgSQL procedural language
postgis	postgres	PostGIS geometry, geography, and raster spatial types and functions
postgis_topology	postgres	PostGIS topology spatial types and functions

Banco de dados OSM

Ao final da importação teremos uma tabela chamada *osm_2po_4pgr* em nosso banco de dados *osm*. Pode apagar a pasta “*osm*” agora, caso tenha problemas de espaço em disco. Esta tabela contém basicamente os vértices de todas as ruas e estradas do banco de dados do OSM. Mas como funciona isso?

Inicialmente você deverá escolher as ruas de partida e destino da sua rota na tabela *osm_2po_4pgr* usando o nome da rua. O importador copia a geometria e o nome das ruas da tabela *planet_osm_line*. Se você precisar realizar uma busca usando outros critérios diretamente na tabela *planet_osm_line*, você poderá usar o atributo *osm_id* das duas para realizar o *join*.

Conforme foi dito, a tabela de topologia *osm_2po_4pgr* armazena os vértices que une as ruas. O que importa para o calculador de rotas é: “*dado um vértice, quais outros vértices eu consigo alcançar?*”. Para responder esta pergunta, a tabela contém dois atributos (campos) chamados *source* e *target*, que representam os vértices que conectam as ruas umas com as outras ou as segmentações da própria rua. É fácil concluir então que, dado o registro de uma rua qualquer, o seu *target* aponta para uma rua a qual ela está conectada (*source* com o mesmo valor) e seu *source* aponta para uma rua que se conecta nela (*target* com o mesmo valor). Basta então seguir a trilha de *sources* e *targets* da origem até o destino,

encontrando quais ruas possuem o *source* igual ao *target* da rua anterior. Como o OSM fragmenta as ruas, isso também vale para os segmentos da mesma rua. Na imagem abaixo podemos ver um trecho da Rua do Catete (no Rio de Janeiro) fragmentada e com seus vértices marcados em vermelho. Cada círculo vermelho é o *source* de um segmento e o *target* do segmento seguinte.



Vou terminar este post por aqui. Já criamos a tabela de topologia e vimos alguns conceitos sobre ela. [No próximo post](#) vou continuar explicando os conceitos de rotas para depois partir para a prática.

Importando arquivos do OSM para o PostgreSQL: Parte 2

[Agora que todo o ambiente foi preparado](#), é hora de prosseguir com a importação dos dados do OSM para o banco de dados. Você vai precisar do `osm2pgsql`. No Debian / Ubuntu basta usar o `apt`:

```
apt-get install osm2pgsql
```

A seguinte linha de comando vai importar os dados do arquivo ***south-america-latest.osm.pbf*** para a tabela ***osm*** de seu banco de dados PostgreSQL no IP 127.0.0.1, orientado pelo arquivo ***default.style***. Pelo menos 100GB de espaço em disco é necessário durante a importação. A configuração usada por mim foi um Core i5 3.2GHz com 16GB de RAM e 4 núcleos rodando um Ubuntu 14.04 LTS.

```
osm2pgsql -c -k --slim -C 8000 --flat-nodes ./fn -d osm -U postgres -H 127.0.0.1 -S ./default.style ./south-america-latest.osm.pbf
```

Este comando vai demorar bastante. [Aqui](#) você encontrará uma lista com todas as opções de execução do `osm2pgsql`. Uma opção útil é a ***-latlong***, que converte a projeção para EPSG 4326 (a do OSM é a mesma do Google - 900913). Recomenda-se que a opção ***-flat-nodes*** seja usada somente com a importação do arquivo completo (planet). Um outro exemplo de importação:

```
osm2pgsql --latlong --keep-coastlines --verbose --create --hstore --slim --cache 8000 --database osm --username postgres --host 127.0.0.1 --style ./default.style ./brazil-latest.osm.pbf
```

Ao final, se tudo correr bem, as seguintes tabelas serão criadas no banco de dados:

```
planet_osm_point  
planet_osm_polygon  
planet_osm_line
```

planet_osm_roads

Se algo der errado, provavelmente o erro está relacionado com a configuração da sua máquina (memória, disco e processador). Este procedimento é muito exigente. Existem outras tabelas usadas pelo importador:

planet_osm_nodes

planet_osm_rels

planet_osm_ways

mas você poderá optar por apagá-las se desejar, porém, existe um programa que [mantém seus dados atualizados](#), baixando as modificações diretamente do site do OpenStreetMap que precisará destas tabelas. Se quiser liberar espaço e não se importar com atualizações, pode apagá-las. Não esqueça de apagar o arquivo *“./fn”* criado no mesmo diretório onde você executou o *osm2pgsql*. Ele é um arquivo de cache bem grande usado na importação e não será mais necessário.

Agora vem a parte divertida. Como eu havia dito anteriormente, as tabelas do OSM não são normalizadas, então não é aconselhável criar camadas no seu GeoServer apontando diretamente para elas. O ideal é que você estude as necessidades das suas fontes de dados e crie tabelas (ou visões) separadas para cada camada que será criada. Por exemplo: digamos que você queira exibir no mapa as áreas ocupadas por escolas, hospitais e universidades. As áreas estão na tabela *planet_osm_polygon*. Você poderá criar uma tabela ou visão que contenha somente os dados necessários. As tabelas são úteis para criar índices, o que acelera consideravelmente a consulta, mas duplica os dados e não permite atualizações. As visões são boas para economizar espaço, pois os dados continuam nas tabelas originais do OSM, mas são muito mais lentas de consultar. Aqui eu optei por usar uma tabela:

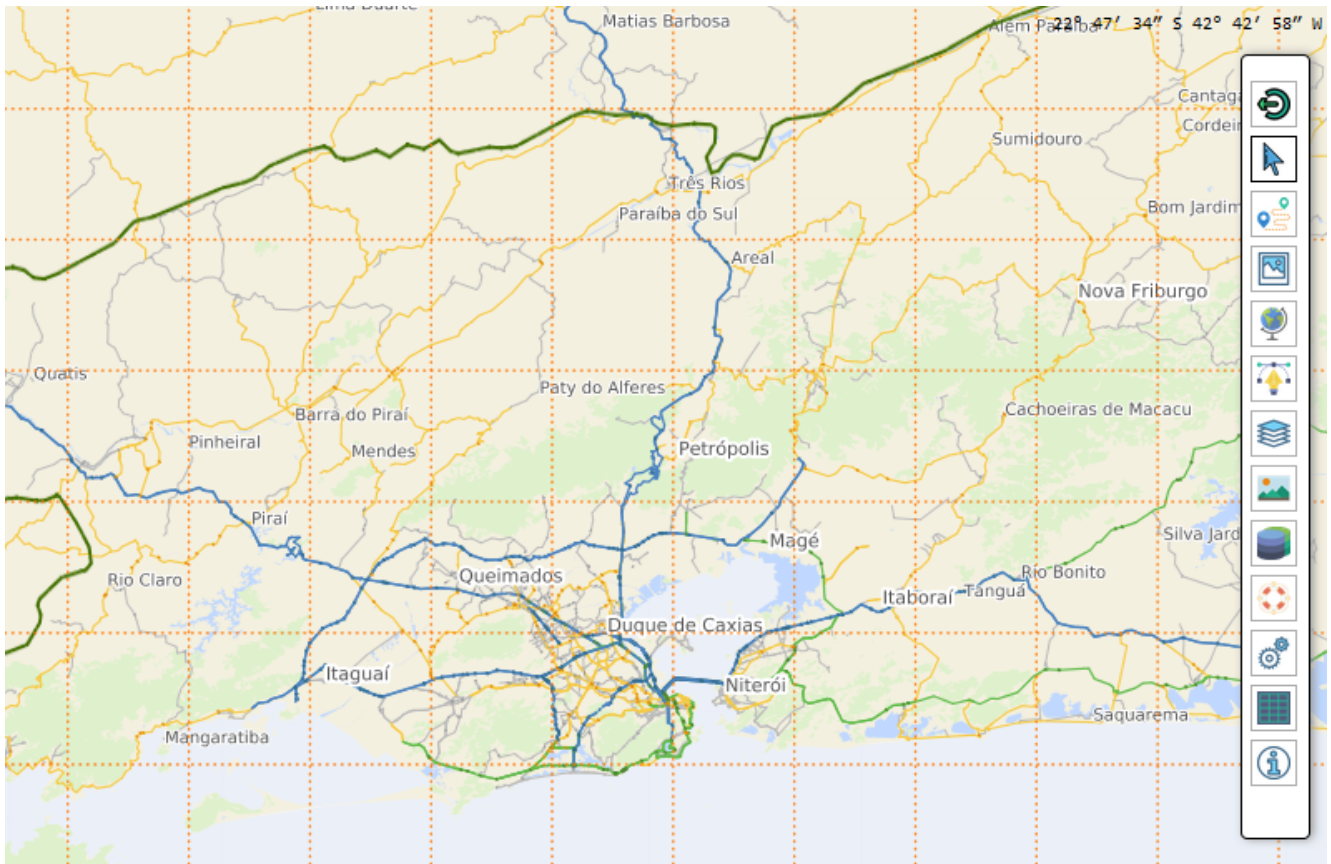
```
DROP TABLE IF EXISTS "amenity-areas";
```

```
CREATE TABLE "amenity-areas" AS (  
    SELECT way,amenity FROM planet_osm_polygon  
           WHERE amenity IN  
('hospital','college','school','university')  
    AND (building IS NULL OR building NOT IN ('no'))  
);
```

```
CREATE INDEX
```

```
"amenity-areas_way_idx" ON  
"amenity-areas" USING gist (way);
```

Mais uma vez eu usei a tag [amenity](#) como exemplo. A Boundless criou um script SQL que cria várias tabelas usadas no exemplo que tomei como referência. Você poderá utilizá-lo se desejar criar um mapa como este de forma rápida:



Resultado da importação

O software que você vê na imagem é o meu *GeoExplorer*, que estou desenvolvendo para criar diversos tipos de mapas temáticos. Falo dele mais tarde. Mas somente com os dados você não conseguirá este excelente resultado gráfico. É necessário criar os estilos que irão decorar os elementos no Geoserver. Os estilos informam ao Geoserver como uma linha, área ou ponto devem ser exibidos no mapa, como as estradas em cores e larguras diferentes na imagem acima, por exemplo. Eles também controlam quando algo deve ou não ser mostrado no mapa, dependendo do nível de *zoom* em que você está.

Infelizmente o OSM só oferece os dados. A criação de estilos é por nossa conta. Por sorte o pessoal da Boundless ([Aaron Miller](#) e [Joseph Miller](#)) também criou vários estilos que deixam o mapa muito parecido com o que você vê no site do


[OpenStreetMap](#) e que usei para criar o da imagem acima. Caso você deseje usá-lo, baixe e descompacte o arquivo. Edite o arquivo `./SLD_create.sh` e configure as variáveis de acordo com seu ambiente.


```
restapi=http://localhost:8080/geoserver/rest
login=admin:geoserver
workspace=osm
store=openstreetmap
```

Forneça o endereço de seu servidor, as credenciais de login, o *workspace* e *store* que você quer as suas camadas do OSM. O *workspace* e o *store* já deverão estar criados, com o store apontando para a tabela **osm** no banco de dados criado nos passos anteriores. Este script irá criar todas as camadas e estilos necessários. Tudo que você precisa fazer é ir em seu Geoserver e criar um *layergroup* unindo tudo, ou de acordo com suas necessidades. Eu preferi agrupar alguns elementos...

Grupos de camadas

Definir e gerenciar grupos de camada

 Adicionar novo grupo de camada

 Remover grupo de camada selecionada (s)

<div><div><<</div><div><</div><div>1</div><div>></div><div>>></div></div> Resultados 1 a 9 (de un total de 9 ítems)		<div><div></div> Pesquisa</div>	
<input type="checkbox"/>	Grupo de camadas	Espaço de trabalho	
<input type="checkbox"/>	rodovias_nomes	osm	
<input type="checkbox"/>	mundo	osm	
<input type="checkbox"/>	rodovias	osm	
<input type="checkbox"/>	decoracao	osm	
<input type="checkbox"/>	politico	osm	
<input type="checkbox"/>	cartas_nauticas	osm	
<input type="checkbox"/>	AA_OpenStreetMap	osm	
<div><div><<</div><div><</div><div>1</div><div>></div><div>>></div></div> Resultados 1 a 9 (de un total de 9 ítems)			

... como as rodovias.

Camadas



+ Adicionar camada

+ Adicionar Grupo de Camada...

Drawing order		Camada	Estilo padrão	Estilo	Remover
1	↓	osm:highway-label	<input type="checkbox"/>	highway-label	⊖
2	↑ ↓	osm:route-turning-circles	<input type="checkbox"/>	route-turning-circles	⊖
3	↑ ↓	osm:route-bridge-4	<input type="checkbox"/>	route-bridge-4	⊖
4	↑ ↓	osm:route-bridge-2	<input type="checkbox"/>	route-bridge-2	⊖
5	↑ ↓	osm:route-bridge-3	<input type="checkbox"/>	route-bridge-3	⊖
6	↑ ↓	osm:route-fill	<input type="checkbox"/>	route-fill	⊖
7	↑ ↓	osm:route-bridge-0	<input type="checkbox"/>	route-bridge-0	⊖
8	↑ ↓	osm:route-tunnels	<input type="checkbox"/>	route-tunnels	⊖
9	↑ ↓	osm:route-line	<input type="checkbox"/>	route-line	⊖
10	↑ ↓	osm:route-bridge-1	<input type="checkbox"/>	route-bridge-1	⊖
11	↑	osm:route-bridge-5	<input type="checkbox"/>	route-bridge-5	⊖

<< < 1 > >> Resultados 1 a 11 (de un total de 11 ítems)

Não entrei em detalhes sobre como usar o Geoserver, mas se sentir alguma dificuldade ou se perceber algum link quebrado, entre em contato que terei prazer em ajudar.

Configurando Redes no OpenStack com o Neutron

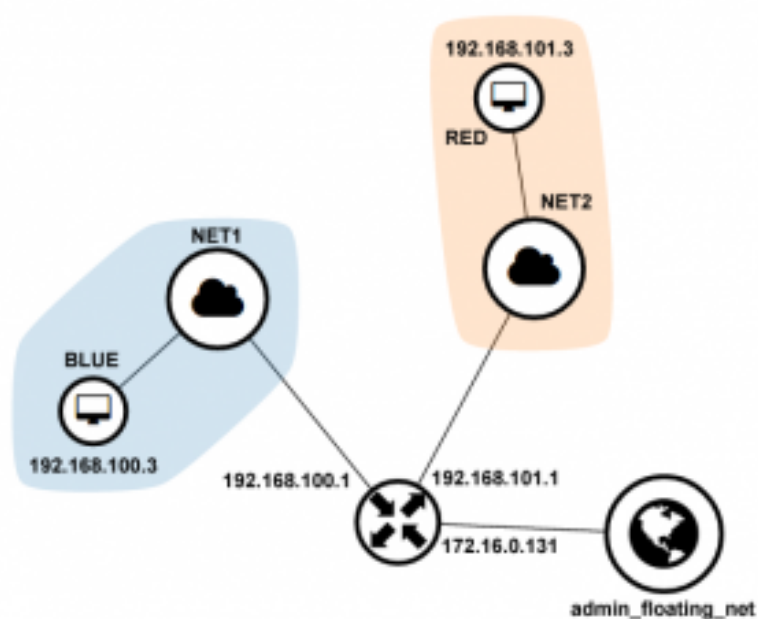
Ao criar uma instância no OpenStack é necessário informar uma rede onde ela irá funcionar. Dependendo da aplicação da instância, esta rede pode ser completamente isolada (as instâncias dentro desta rede só poderão se comunicar entre si), compartilhada com outras redes através de roteadores (instâncias se comunicam com instâncias em outras redes), com acesso para a internet (as instâncias podem acessar a internet), com permissão de acesso externo (tráfego

externo ao OpenStack, como SSH, HTTP, etc, pode acessar as instâncias) ou qualquer combinação destas. Todas as instâncias recebem um endereço IP da rede fixa quando iniciam. Esta rede é completamente isolada do resto da estrutura até que você informe o contrário. Segundo o [site da OpenStack](#):

... fixed IPs are allocated dynamically by the nova-network component (agora Neutron) when instances boot up. There is no way to tell OpenStack to assign a specific fixed IP to an instance.

O primeiro passo é definir a infraestrutura de rede necessária para suas aplicações. Uma vez feito isso, pode-se criá-las utilizando o Horizon. É possível acessar o Neutron usando a console, mas não está no escopo deste tutorial.

Para o exemplo, vou criar duas redes (192.168.100.0/24 e 192.168.101.0/24). As instâncias nestas redes poderão se comunicar entre si, poderão acessar a internet e receber conexões externas. Estou usando a versão Mitaka [instalada em ambiente VirtualBox com o Mirantis Fuel](#). Após a instalação eu removi o roteador e a rede interna que vieram por padrão. Deixei apenas a rede externa “**admin_floating_net**”.



Proposta de rede

A primeira rede será nomeada **NET1** e a segunda **NET2**. Cada uma delas

precisará de uma sub-rede, as quais vou denominar respectivamente **SUBNET1** e **SUBNET2**. Configurei SUBNET1 com a rede 192.168.100.0/0 e SUBNET2 com a rede 192.168.101.0/24.

Redes

		Filtrar		+ Criar Rede		Excluir Redes	
<input type="checkbox"/>	NOME	SUB-REDES ASSOCIADAS	COMPARTILHADO	EXTERNO	STATUS	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS
<input type="checkbox"/>	admin_floating_net	admin_floating_net_subnet 172.16.0.0/24	Não	Sim	Ativo	UP	Editar Rede
<input type="checkbox"/>	NET2	SUBNET2 192.168.101.0/24	Não	Não	Ativo	UP	Editar Rede
<input type="checkbox"/>	NET1	SUBNET1 192.168.100.0/24	Não	Não	Ativo	UP	Editar Rede

Displaying 3 items

Deixe ativado o DHCP para que as instâncias recebam automaticamente um endereço IP.

Criar Rede

Rede

Sub-rede

Detalhes da Sub-rede

☒ Habilitar DHCP

Especifique atributos adicionais para a sub-rede.

Pools de Alocação ?

Deixe DHCP ativado

Na configuração da rede, você verá as “portas” ou endereços IP alocados. Na imagem abaixo da rede NET2, pode-se ver o DHCP (fornecido internamente) usando o IP 192.168.101.2 e uma instância que eu iniciei usando o IP 192.168.101.3. Perceba que não há um *gateway* definido, logo esta rede não possui rota de saída.

Visão Geral de Rede

Nome	NET2
ID	7cea665a-080f-4532-9e28-a340b837ec2c
ID do Projeto	1a001870a5de43fead59106c50cf1d29
Status	Ativo
Estado de Admin	UP
Compartilhado	Não
Rede Externa	Não
MTU	1500
Rede do Provedor	Tipo de Rede: vlan
	Rede Física: physnet2
	ID de Segmentação: 1004

Sub-Redes

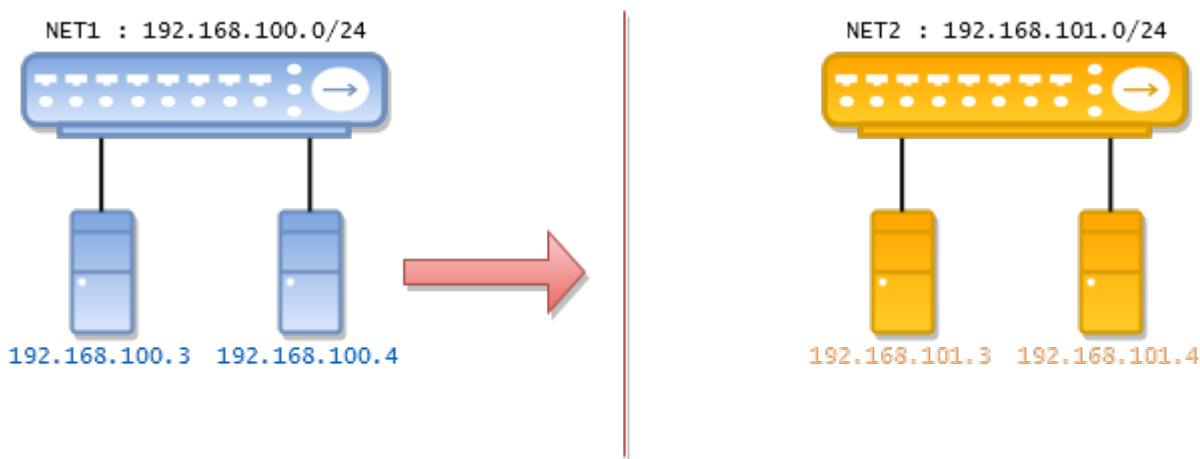
<input type="checkbox"/>	NOME	ENDEREÇO DE REDE	VERSÃO DO IP	IP DO GATEWAY	ACTIONS
<input type="checkbox"/>	SUBNET2	192.168.101.0/24	IPv4		Editar Sub-rede

Displaying 1 item

Portas

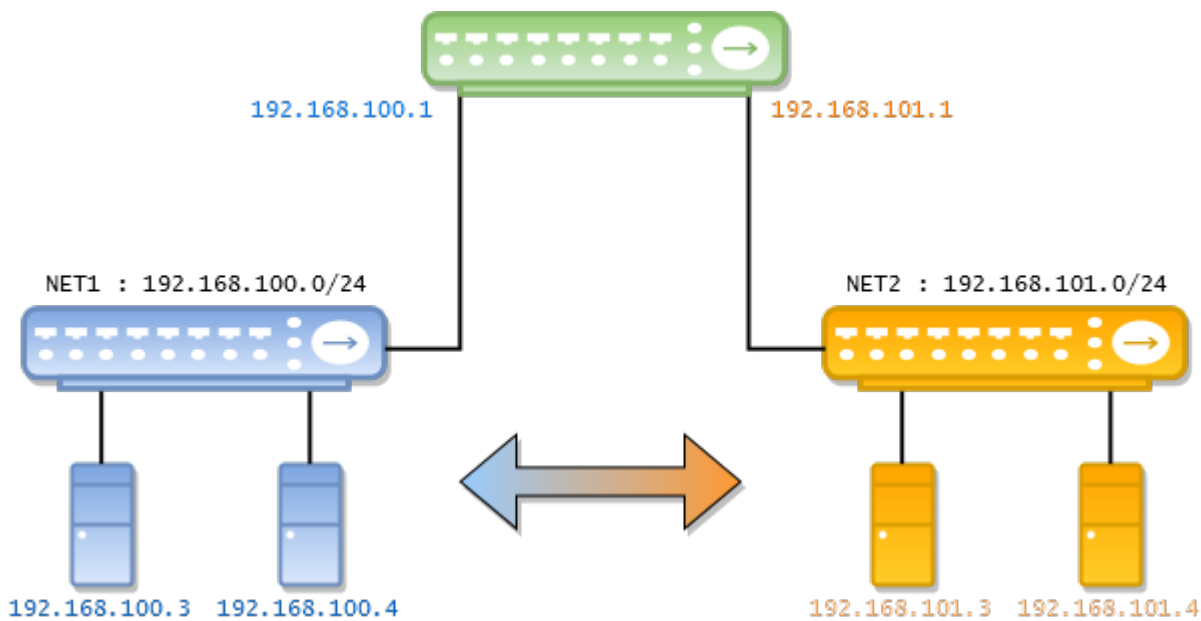
NOME	IPS FIXOS	DISPOSITIVO ANEXADO	STATUS	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS
(4328b56b-f781)	192.168.101.2	network:dhcp	Ativo	UP	Editar Porta
(6ee56826-890f)	192.168.101.3	compute:nova	Ativo	UP	Editar Porta

Na configuração atual, as instâncias de uma rede não podem acessar as de outras redes nem receber conexões externas. Também não podem acessar a internet.



Para que as redes possam se comunicar, é necessário criar um roteador e conectá-lo em ambas. Este roteador, como os roteadores reais, terá duas portas

conectadas, uma em cada rede. Então eu criei um roteador chamado “VR” (na imagem abaixo ele pode ser visto na cor verde).



Crie um novo roteador, forneça um nome e salve. Clique no link do nome dele e selecione “Adicionar Interface”. Faça isso para as duas redes que criamos (NET1 e NET2). No Dashboard ele deverá ser configurado da seguinte forma:

Roteadores / VR

Limpar Gateway

Visão Geral

Interfaces

Rotas Estáticas

+ Adicionar Interface

Excluir Interfaces

<input type="checkbox"/>	NOME	IPS FIXOS	STATUS	TIPO	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS
<input type="checkbox"/>	(a9d179d6-6bda)	192.168.100.1	Ativo	Interface Interna	UP	Excluir Interface
<input type="checkbox"/>	(d0904d7d-5239)	192.168.101.1	Ativo	Interface Interna	UP	Excluir Interface

Displaying 3 items

Se você verificar as configurações das redes novamente verá que o roteador aparecerá usando as portas com o primeiro endereço IP da faixa de cada rede (como todo *gateway* normalmente faz).

Visão Geral de Rede

Nome	NET2
ID	7cea665a-080f-4532-9e28-a340b837ec2c
ID do Projeto	1a001870a5de43fead59106c50cf1d29
Status	Ativo
Estado de Admin	UP
Compartilhado	Não
Rede Externa	Não
MTU	1500
Rede do Provedor	Tipo de Rede: vlan
	Rede Física: physnet2
	ID de Segmentação: 1004

Sub-Redes

					+ Criar Sub-rede	Excluir Sub-redes
<input type="checkbox"/>	NOME	ENDEREÇO DE REDE	VERSÃO DO IP	IP DO GATEWAY	ACTIONS	
<input type="checkbox"/>	SUBNET2	192.168.101.0/24	IPv4	192.168.101.1	Editar Sub-rede	

Displaying 1 item

Portas

NOME	IPS FIXOS	DISPOSITIVO ANEXADO	STATUS	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS
(d0904d7d-5239)	192.168.101.1	network:router_interface	Ativo	UP	Editar Porta
(6ee56826-890f)	192.168.101.3	compute:nova	Ativo	UP	Editar Porta
(4328b56b-f781)	192.168.101.2	network:dhcp	Ativo	UP	Editar Porta

Perceba que no exemplo da figura acima (NET2) o roteador aparece usando o endereço IP 192.168.101.1. Na rede NET1 ele usa o endereço IP 192.168.100.1. Isso já permitirá que as instâncias possam se comunicar com instâncias de redes diferentes, mas elas não podem receber conexões externas nem acessar a internet. Para que as instâncias acessem a internet, é necessário conectar o roteador com a rede externa “**admin_floating_net**”, que veio configurada por padrão na instalação do Fuel. Esta rede externa, no caso da instalação em ambiente VirtualBox pelo Fuel, é criada por uma das interfaces *Host Only* do VirtualBox e é visível pela máquina host. Para conectar o roteador com a rede externa, selecione o roteador e clique em “Configurar Gateway”.

Roteadores

					<input type="text" value="Filtrar"/>	+ Criar Roteador	Excluir Roteadores
<input type="checkbox"/>	NOME	STATUS	REDE EXTERNA	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS		
<input type="checkbox"/>	VR	Ativo	-	CIMA	Configurar Gateway		

Roteador sem Rede Externa

Selecione a rede externa na caixa de diálogo que irá surgir e salve. Somente as redes marcadas como “externa” na lista de redes é que vão aparecer nesta caixa. Eu havia apagado a rede externa padrão criada pela instalação do Fuel e tentei criar uma nova, mas me enrolei em alguma coisa e ela não funcionou. Até que eu possa dizer com certeza como criar uma rede externa, mantenha ela no lugar para evitar problemas.

Redes

Filtrar

Q

+ Criar Rede

Excluir Redes

<input type="checkbox"/>	NOME	SUB-REDES ASSOCIADAS	COMPARTILHADO	EXTERNO	STATUS	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS
<input type="checkbox"/>	admin_floating_net	admin_floating_net_subnet 172.16.0.0/24	Não	Sim	Ativo	UP	<div>Editar Rede</div>
<input type="checkbox"/>	NET2	SUBNET2 192.168.101.0/24	Não	Não	Ativo	UP	<div>Editar Rede</div>
<input type="checkbox"/>	NET1	SUBNET1 192.168.100.0/24	Não	Não	Ativo	UP	<div>Editar Rede</div>

Displaying 3 items

Detalhe da Rede Externa

Agora o roteador vai mostrar a rota para a rede externa. Note que ele recebeu mais uma interface com um endereço IP válido para a rede externa (172.16.0.131).

Roteadores / VR

Visão Geral

Interfaces

Rotas Estáticas

+ Adicionar Interface

Excluir Interfaces

<input type="checkbox"/>	NOME	IPS FIXOS	STATUS	TIPO	ESTADO DE ADMIN	ACTIONS
<input type="checkbox"/>	(0f2a7fb2-8e0d)	172.16.0.131	Ativo	Gateway Externo	UP	<div>Excluir Interface</div>
<input type="checkbox"/>	(a9d179d6-6bda)	192.168.100.1	Ativo	Interface Interna	UP	<div>Excluir Interface</div>
<input type="checkbox"/>	(d0904d7d-5239)	192.168.101.1	Ativo	Interface Interna	UP	<div>Excluir Interface</div>

Displaying 3 items

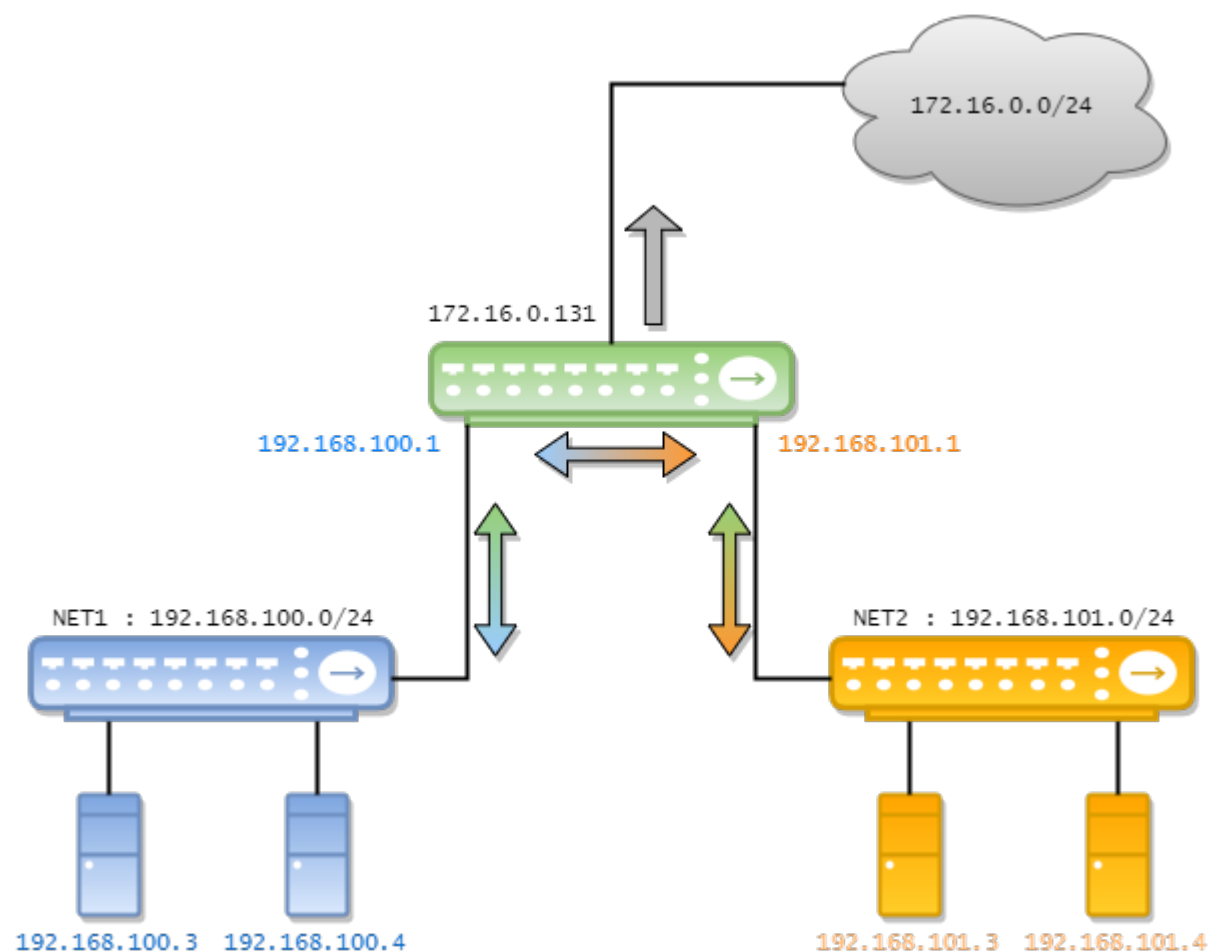
Na máquina host (a máquina física que executa o VirtualBox) já é possível ver que este endereço IP existe.

```
C:\Windows\system32\cmd.exe
Microsoft Windows [versão 6.3.9600]
(c) 2013 Microsoft Corporation. Todos os direitos reservados.
C:\Users\Magno>ping 172.16.0.131

Disparando 172.16.0.131 com 32 bytes de dados:
Resposta de 172.16.0.131: bytes=32 tempo=2ms TTL=64
Resposta de 172.16.0.131: bytes=32 tempo=2ms TTL=64
Resposta de 172.16.0.131: bytes=32 tempo=2ms TTL=64
Resposta de 172.16.0.131: bytes=32 tempo=2ms TTL=64

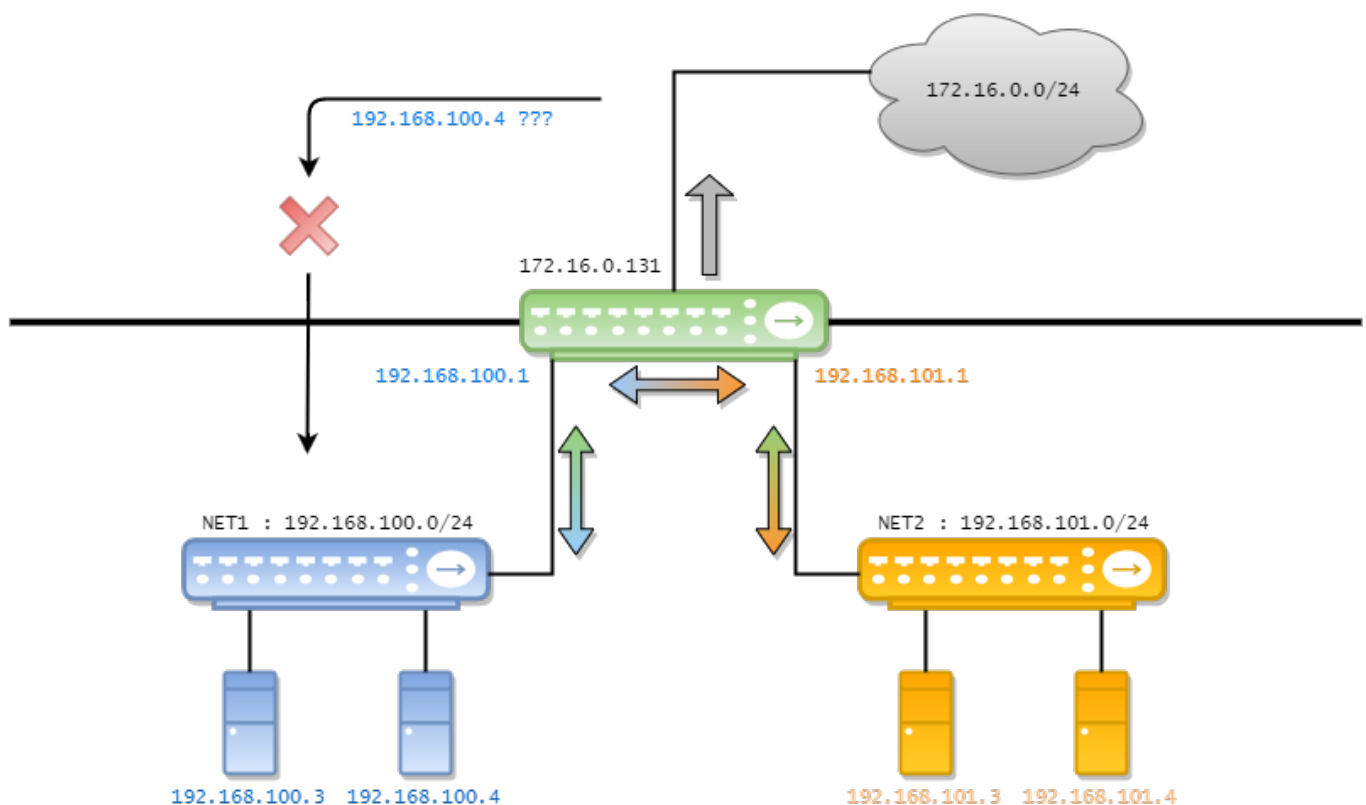
Estatísticas do Ping para 172.16.0.131:
    Pacotes: Enviados = 4, Recebidos = 4, Perdidos = 0 (0% de
    perda),
Aproximar um número redondo de vezes em milissegundos:
    Mínimo = 2ms, Máximo = 2ms, Média = 2ms
C:\Users\Magno>_
```

Nossa infraestrutura está um pouco melhor agora. As instâncias das duas redes podem se comunicar e acessar a internet.



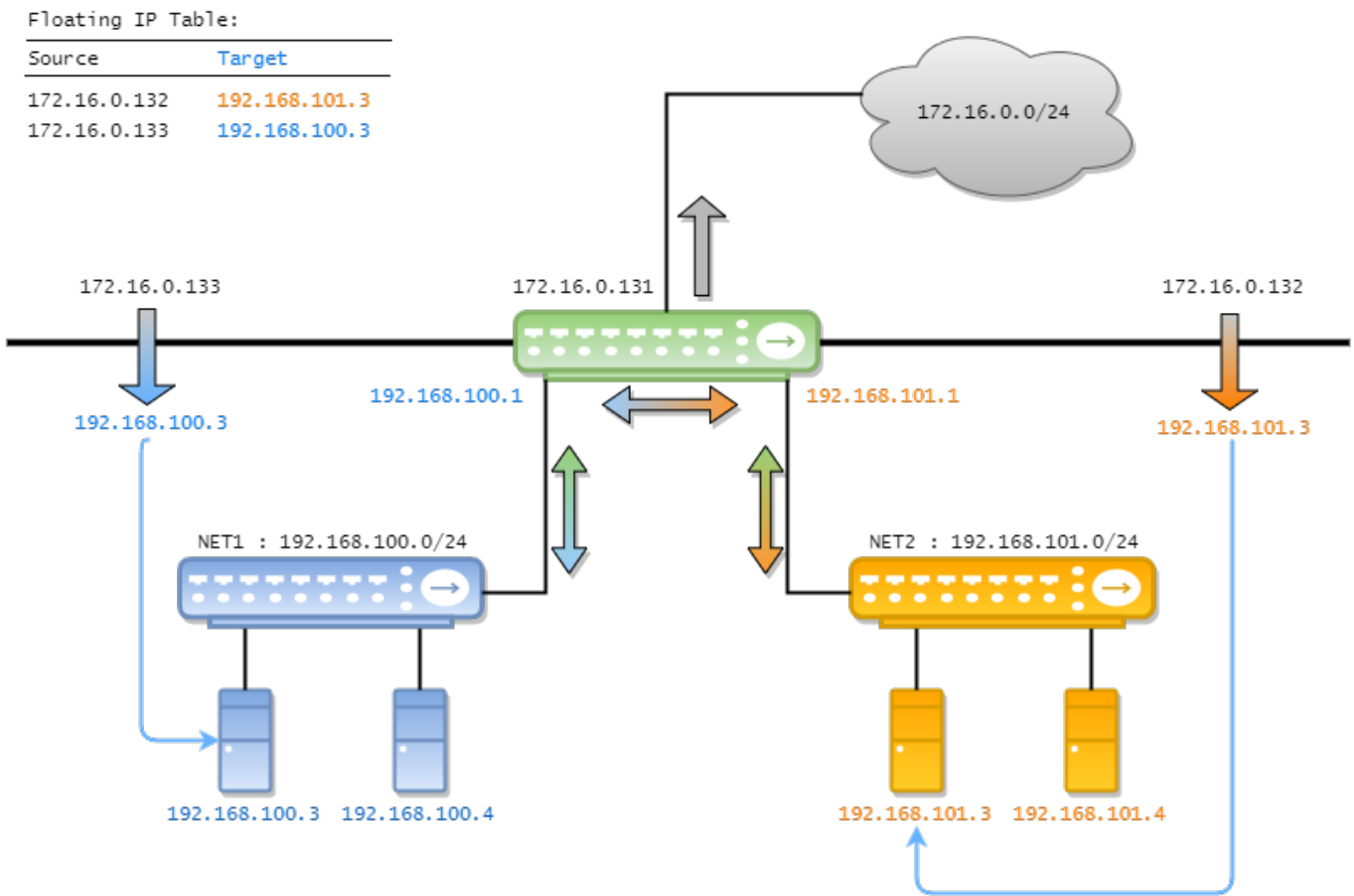
Porém elas não podem receber nenhuma conexão do mundo exterior. Isso seria

muito útil quando você cria um servidor de banco de dados, HTTP, ou até mesmo se você precisar um acesso SSH ou FTP para suas instâncias. Na minha opinião, um acesso SSH é indispensável. as instâncias não podem receber conexão do mundo exterior porque elas possuem endereços válidos apenas para suas redes. É parecido com o que acontece na sua casa: seu computador possui endereços válidos apenas para sua rede interna. O endereço IP que conta para o mundo exterior (internet) é o do seu modem ADSL. Não importa quantos computadores você tenha em casa, todos acessam a Internet usando o IP do seu modem. No nosso caso, todas as instâncias acessam a rede externa usando o IP externo do nosso roteador (172.16.0.131). Não há como acessar uma instância dentro da rede interna dessa forma porque aquele endereçamento (192.168.aaa.bbb) não é reconhecido pela rede externa.



Nós precisamos dar um endereço válido na rede externa para as instâncias, assim, quando desejarmos acessar uma determinada instância dentro da rede interna, usaremos o IP da rede externa. O Neutron usará este mapeamento para encontrar o destino do acesso. É aí que entram os “*floating IPs*”. Os *floating IPs* nada mais são do que mapeamentos de endereços IP da rede externa para endereços IP da rede interna. Cada instância que receber um *floating IP* passa a ser reconhecida na rede externa usando este endereço. Você encontrará uma boa explicação sobre [floating IPs aqui](#).

Nossa rede deverá ficar assim no final (o roteador “VR” está em verde):



Para designar um floating IP para uma instância, primeiro você deverá iniciá-la e depois selecionar “Associar IP flutuante” no combo lateral na lista de instâncias. O resultado final ficará como na imagem abaixo (lista de instâncias):

Instâncias

Nome da Instância =

<input type="checkbox"/>	NOME DA INSTÂNCIA	NOME DA IMAGEM	ENDEREÇO IP	TAMANHO	PAR DE CHAVES	STATUS	ZONA DE DISPONIBILIDADE	TAREFA
<input type="checkbox"/>	RED	TestVM	192.168.101.3 IPs Flutuantes: 172.16.0.132	m1.tiny	-	Desligar	nova	Nenhum
<input type="checkbox"/>	BLUE	TestVM	192.168.100.3 IPs Flutuantes: 172.16.0.133	m1.tiny	-	Desligar	nova	Nenhum

Displaying 2 items

Mas ainda não basta. Ainda é necessário um passo adicional: configurar as permissões de acesso. Nas permissões de acesso é possível informar quais portas e protocolos estão liberados na máquina de destino do mapeamento. Isso possibilita um maior controle sobre o acesso externo.

Vá em “Acesso e Segurança”. Você vai encontrar o grupo “default”, que é designado para a instância caso você não informe nada. É claro que você poderá criar seu próprio grupo e definir ele para a instância no momento de sua criação. Mas vamos ficar com o padrão mesmo. Clique em “Gerenciar Regras”. No meu caso eu resolvi tocar bandalha e permiti acesso geral, mas você pode (e deve) ser mais seletivo. As opções são intuitivas.

Acesso e Segurança / Gerenciar Regras de Grupo de Segurança: default (d8cbf89f-8ce4-468a-9533-26b16daeedad)

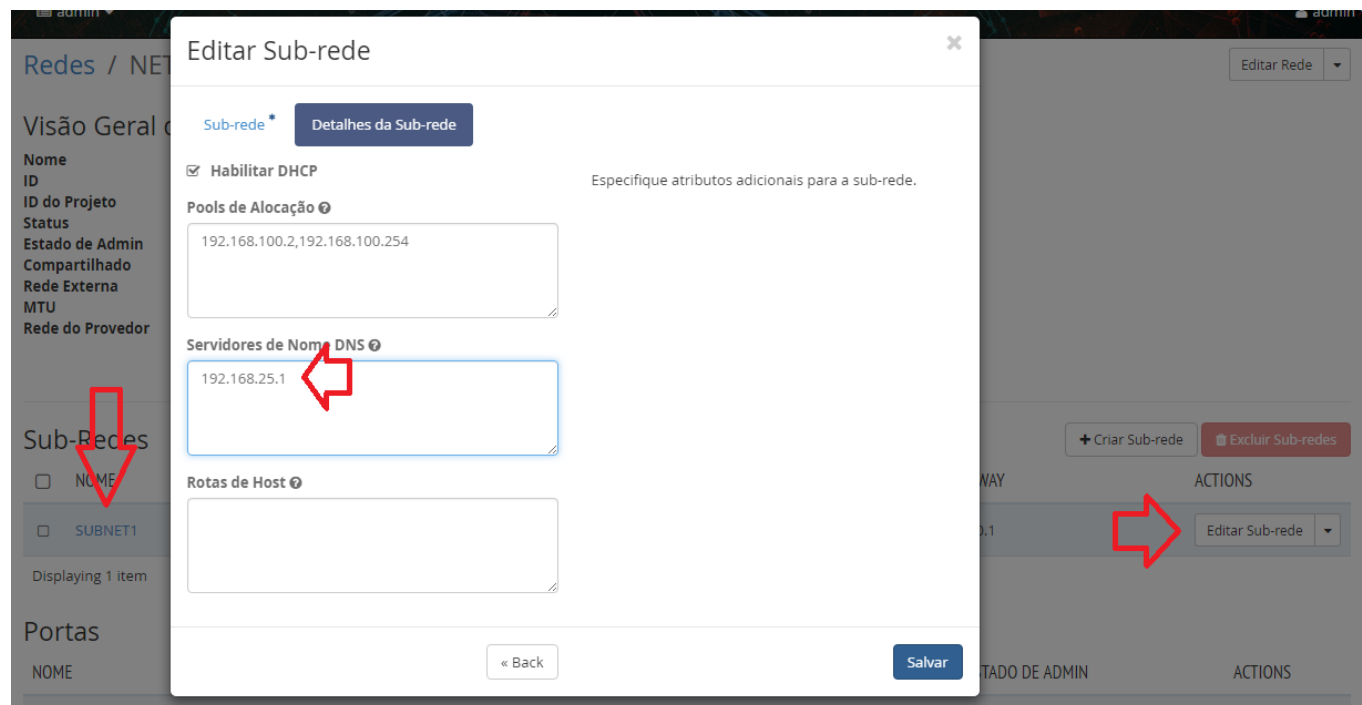
							+ Adicionar Regra	Excluir Regras
<input type="checkbox"/>	DIREÇÃO	TIPO ETHER	PROTOCOLO IP	FAIXA DE PORTAS	PREFIXO DO IP REMOTO	GRUPO DE SEGURANÇA REMOTO	ACTIONS	
<input type="checkbox"/>	Ingresso	IPv4	Qualquer	Qualquer	-	default	Excluir Regra	
<input type="checkbox"/>	Egresso	IPv4	Qualquer	Qualquer	0.0.0.0/0	-	Excluir Regra	
<input type="checkbox"/>	Ingresso	IPv6	Qualquer	Qualquer	-	default	Excluir Regra	
<input type="checkbox"/>	Egresso	IPv6	Qualquer	Qualquer	::/0	-	Excluir Regra	
<input type="checkbox"/>	Ingresso	IPv4	ICMP	Qualquer	172.16.0.0/24	-	Excluir Regra	
<input type="checkbox"/>	Ingresso	IPv4	TCP	1 - 65535	172.16.0.0/24	-	Excluir Regra	
<input type="checkbox"/>	Ingresso	IPv4	UDP	1 - 65535	172.16.0.0/24	-	Excluir Regra	

Displaying 7 items

Perceba que eu selecionei “Ingresso”. Permiti protocolos ICMP, TCP e UDP em todas as portas vindos da rede 172.16.0.0/24 (nossa rede externa). Isso certamente é uma boa fonte de problemas, pois libera todo tipo de acesso (inclusive o PING) para suas instâncias. Mas Deus ajuda. Caso você não tenha tanta fé assim, use o bom senso e escolha as opções de acordo com a necessidade.

Mas ainda não acabou. Quando eu acessei uma das instâncias usando o SSH, pude perceber que ela realmente acessava a rede externa, contanto que eu só usasse endereços IP. No caso de usar nomes (ping www.google.com) não funcionava. Percebi que o DNS estava designado para o gateway da instância, no caso o roteador “VR”. Precisei então modificar o DNS para o meu modem ADSL (ou para um DNS público como o do Google). É certo que existem outras formas, mas a mais conveniente pra mim foi mudar o DNS na sub-rede. Fui na configuração das redes (NET1 e NET2) e cliquei em “Editar Sub-rede”. Em “Servidores de Nomes DNS” eu simplesmente coloquei o IP do meu modem ADSL e pronto. Ao salvar

pude retornar para a console da instância e ver que ela já sabia resolver nomes. Magicamente meu arquivo *“resolv.conf”* foi modificado para o IP do meu modem. Na mesma tela você poderá definir a faixa de alocação de endereços IP para sua rede em *“Pools de Alocação”*.



É isso. Fico por aqui deixando as referências onde consegui material para este post (menos o DNS que eu tive que bater cabeça).

Referências:

[Configuring Floating IP addresses for Networking in OpenStack Public and Private Clouds.](#)

[\[VIDEO\] : Introduction to OpenStack Neutron](#) (David Mahler)

[\[VIDEO\] : Introduction to OpenStack Neutron](#) (Assaf Muller)

[Networking in too much detail — RDO](#)

Importando os arquivos do OSM para o PostgreSQL: Parte 1

Após [preparar o ambiente do PostgreSQL](#), é hora de importar os dados do OSM. No site Geofabrik existem [vários arquivos de dados](#) onde você pode escolher a área de cobertura desejada, desde todo o planeta até países. Além disso, acessando <http://www.openstreetmap.org> você poderá baixar os dados de uma área a sua escolha.

Eu vou importar os dados da América do Sul, mas se as coisas ficarem difíceis devido a requisitos de memória e processamento, escolha um [arquivo menor](#). Baixe sempre arquivos tipo PBF.

```
wget http://download.geofabrik.de/south-america-latest.osm.pbf
```

Você também vai precisar de um arquivo chamado *default.style*. Este arquivo vai informar ao programa de importação o que você quer e o que não quer mandar para o banco de dados. Eu não sei o motivo deste arquivo se chamar *style*, já que não tem nada a ver com estilos, e sim com filtro de dados.

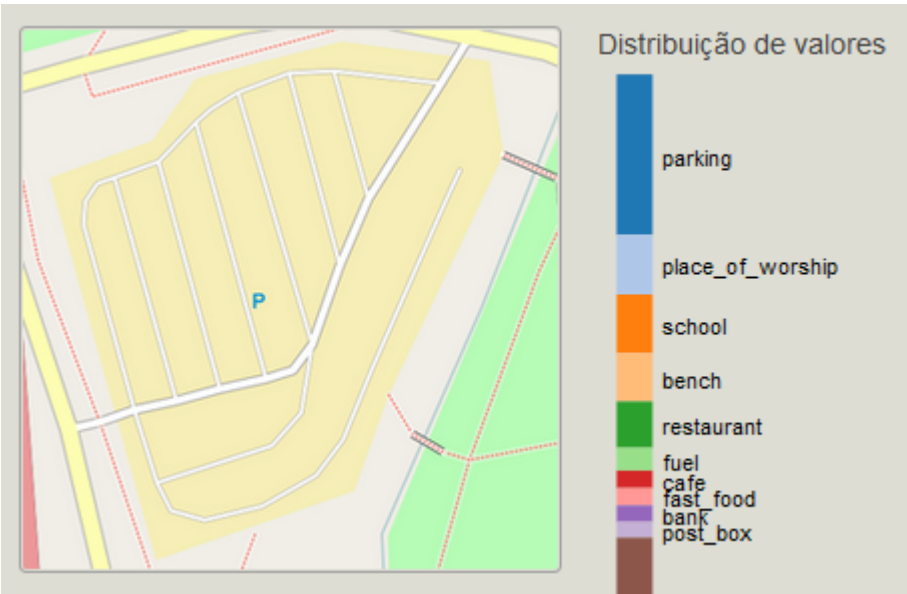
Antes de puxar o gatilho vou explicar uma coisa: o resultado disso tudo será a criação de 4 tabelas em seu banco de dados (vai criar um pouco mais, porém as tabelas do OSM são só 4):

```
planet_osm_point  
planet_osm_polygon  
planet_osm_line  
planet_osm_roads
```

Os nomes são intuitivos. O que eu quero explicar é o seguinte: todas as tabelas terão a mesma estrutura, baseado no que você decidir no arquivo *default.style*. A estrutura do OSM funciona baseada em elementos chamados *tags*. Cada tag pode possuir uma certa quantidade de valores. O site <http://taginfo.openstreetmap.org/> permite consultar todas as tags e seus possíveis valores. A [tag amenity](#), por exemplo, possui a seguinte descrição no site:

For describing useful and important facilities for visitors and residents.

Esta tag possui valores como *parking*, *place_of_worship*, *school*, *bank*, *fuel*, etc...



O site descreve em detalhes o que significa cada um destes valores para todas as tags e como eles se relacionam entre si quando agrupados com outras tags para dar sentido à informação.

amenity=fuel

A retail-type facility where vehicles can be refueled.

Visão geral

Combinações

Mapa

Wiki

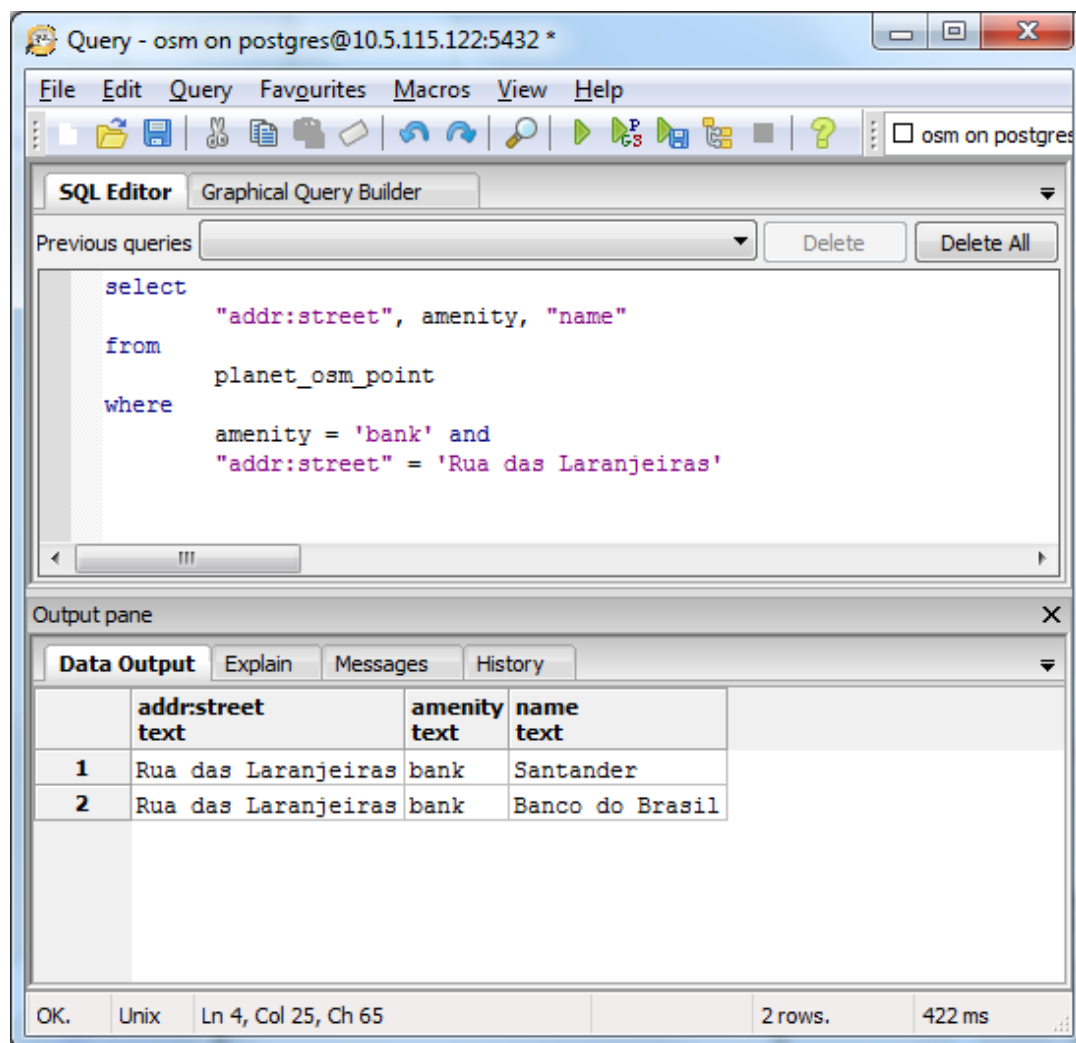
Projetos

Visão geral

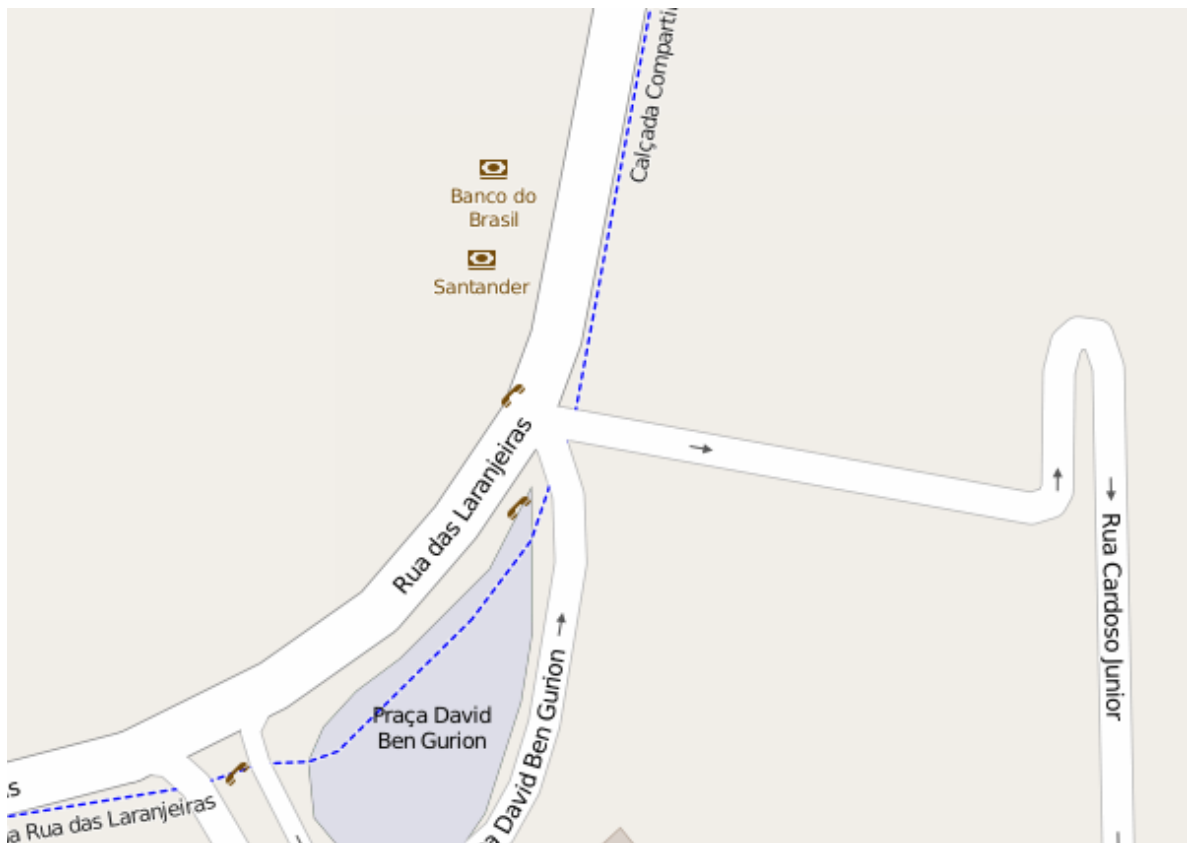
Tipo	Número de objetos	
Todos	300 581	0.01%
Ponto	217 693	0.19%
Linha	82 015	0.02%
Relação	873	0.02%

Podemos encontrar também a informação de onde esta tag é mais frequente observando a “Visão Geral”. O exemplo da imagem acima significa que esta informação pode ocorrer mais frequentemente como pontos. Após a importação dos dados, cada tag irá se tornar uma coluna nas tabelas do OSM e seus valores serão as linhas destas tabelas. Daí pode-se concluir que as tabelas do OSM não são normalizadas e possuem uma vasta quantidade de valores nulos, dependendo

da consulta que você fizer.

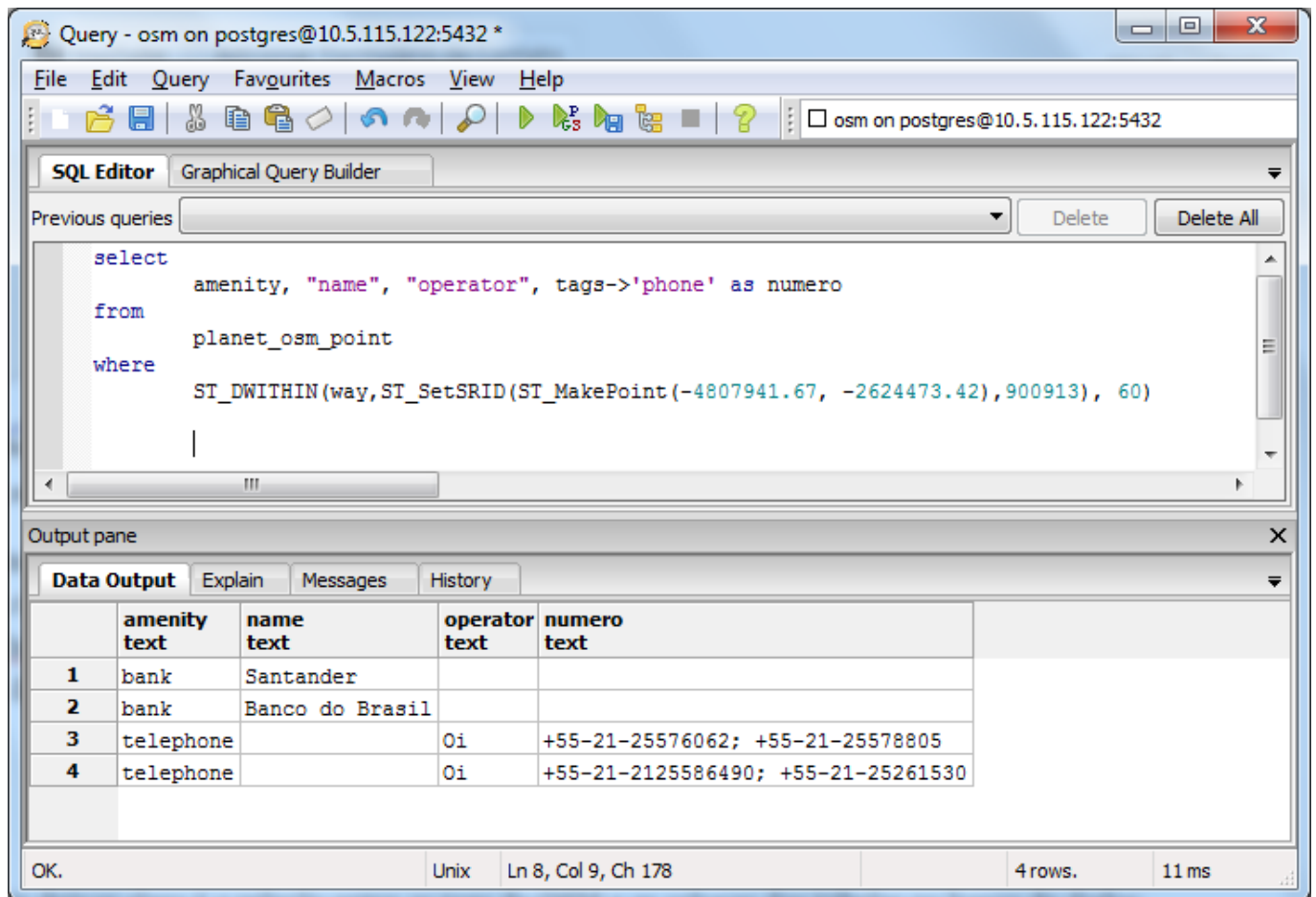


Consultando estes bancos da tag "amenity"...



...resulta neste mapa

Obviamente existem muito mais bancos na Rua das Laranjeiras (RJ). Isso depende da combinação de valores com outras tags. Nem todos os bancos possuem a tag *"addr:street"* preenchidas. Nesse caso eu deveria consultar os bancos usando o *bounding box* das coordenadas geográficas de Laranjeiras. Perto dos nossos bancos existem quatro telefones públicos (dois *postes* com dois telefones cada). Um na praça e outro perto do Santander. Vamos ligar para eles?

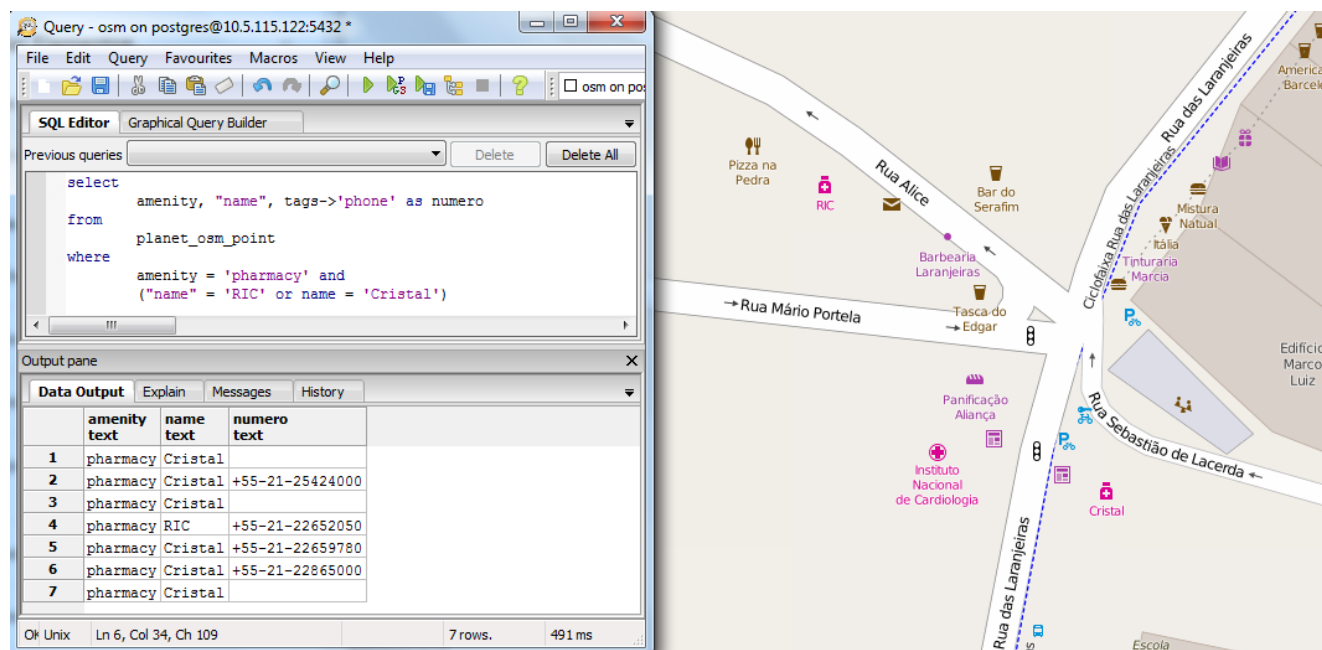


Nesta consulta eu mandei pesquisar tudo da tabela de pontos (a rua e a ciclovia em azul estão na tabela de linhas e a praça na tabela de polígonos) dentro de um raio de 60 metros das coordenadas do Banco do Brasil (serve do Santander também) . Para conseguir estas coordenadas, modifique a consulta dos bancos para:

```
select
    "addr:street", amenity, "name" , ST_AsText(way) as
coordenadas
from
    planet_osm_point
where
    amenity = 'bank' and
    "addr:street" = 'Rua das Laranjeiras'
```

Isso vai mostrar as coordenadas dos elementos encontrados. Bem, o que eu quis deixar claro é a relação entre as tags do OSM e as colunas das tabelas no banco de dados, bem como mostrar que vão existir colunas que não são preenchidas porque não fazem sentido junto com outras informações (o banco não tem operador e o telefone não tem nome). Já deu para notar que, se você não quiser

mapas, tudo bem: você terá uma boa massa de dados para fazer todo tipo de consultas interessantes em seus aplicativos.



Algo mais útil: Telefones de farmácias próximas.

Um arquivo default.style irá se parecer com isso:

node,way	admin_level	text	linear
node,way	aerialway	text	linear
node,way	aeroway	text	polygon
node,way	amenity	text	polygon
node,way	barrier	text	linear
node,way	bicycle	text	linear
node,way	brand	text	linear
node,way	bridge	text	linear
node,way	boundary	text	linear
node,way	electrified	text	linear
node,way	building	text	polygon

O [arquivo original de exemplo](#) contém uma boa descrição do que significam estes valores e como consultar o site [taginfo](#) para criar seus próprios critérios de importação.

Como este post já ficou bem grande, vou deixar a importação dos dados do OSM para o próximo.